

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – NÍVEL: MESTRADO**

**GIANE FARIAS FERREIRA**

**OS PROFESSORES COMO TRANSFORMADORES DA ESCOLA**

Porto Alegre

2009

**GIANE FARIAS FERREIRA**

**OS PROFESSORES COMO TRANSFORMADORES DA ESCOLA**

Dissertação de Mestrado em Educação,  
para obtenção do título de Mestre em  
Educação, Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul, Faculdade de  
Educação, Programa de Pós-Graduação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Emília A. Engers.

Porto Alegre

2009

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

F383p Ferreira, Giane Farias

Os professores como transformadores da escola / Giane Farias Ferreira, 2009.

91 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) –  
Faculdade de Educação. Programa de Pós-  
Graduação, PUCRS, 2009.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Emília A. Engers.

1. Educação. 2. Professores. 3. Escola. 4.  
Agentes de Transformação. 5. Percepções. I.  
Engers, Maria Emília. II. Título.

CDD 370.71

### **Bibliotecária Responsável**

Isabel Merlo Crespo

CRB 10/1201

**GIANE FARIAS FERREIRA**

**OS PROFESSORES COMO TRANSFORMADORES DA ESCOLA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 17 de março de 2009.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Emília Amaral Engers  
Orientadora

---

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira (PUCRS)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Ferreira da Silva (Feevale)

Dedico esse trabalho a alguém que, em  
sua simplicidade, mesmo sem saber qual o  
significado, me apoiou, pois este era o meu sonho.  
Que a sua maneira, me tinha como  
filha: meu sogro.  
Saudade eterna!

## **AGRADECIMENTOS**

Há tanto para agradecer ...

- A Deus, pela vida;
  - A minha mãe, pela força incondicional;
  - A Marcos, Fernando e Guilherme (meu marido e meus filhos) por entenderem o quão importante esta conquista significa para mim. Por não cobrarem a minha ausência e por estarem ao meu lado me dando condições de prosseguir.
  - A Maria Emilia, minha orientadora, pela amizade e sabedoria;
- ... obrigada é pouco para dizer,  
gratidão...

Eu tenho uma espécie de dever, de dever de sonhar  
de sonhar sempre  
pois sendo mais do que  
um espectador de mim mesmo,  
eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso.  
E assim me construo a ouro e sedas,  
Em salas supostas, invento palco, cenário para viver o meu sonho  
entre luzes brandas  
e músicas invisíveis!  
**Fernando Pessoa**

"Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos se não fora  
A mágica presença das estrelas"  
**Mario Quintana**

## RESUMO

A investigação, “Os professores como transformadores da escola”, nasceu da vontade de saber se os professores estão cientes que podem fazer a diferença dentro da escola, modificando, não só o conceito que esta tem perante a sociedade, mas, principalmente, os resultados que podem alcançar junto aos seus alunos. Considerando o paradigma transformador da educação e o papel do professor no contexto atual, este estudo buscou conhecer como os professores de Ensino Fundamental e Ensino Médio percebem-se como agentes transformadores da escola; qual seu papel na sociedade e que competências são necessárias para ser professor nos dias atuais. A investigação apoiada no paradigma construtivista, caracteriza-se como uma abordagem descritiva e interpretativa. Para a coleta de dados utilizou-se as entrevistas semi-estruturadas e os dados foram estudados por meio de análise de conteúdo (ENGERS,1987). Os resultados que emergiram da pesquisa foram agrupados em categorias: sociedade moderna e pós moderna no contexto social; transformação da escola e o professor. Essas foram analisadas por meio de uma reflexão dialógica com os autores como O’Sullivan, Perrenoud, Vasconcellos, Bazarra, Engers e outros. Observou-se que os professores estão cientes de que vivem em uma sociedade em constantes transformações, para a qual a escola não tem sido satisfatória. Entendem a necessidade de um nova postura de professor, em que as competências pessoais e profissionais, junto com o comprometimento e a formação continuada constituem-se em mola propulsora de transformação. Porém, não se consideram responsáveis por esse processo que poderá romper com o paradigma tradicional, ainda tão presente no contexto educacional.

Palavras-chaves:

Professores, escola, agentes de transformação, percepções.

## **ABSTRACT**

This study - "Teachers as transformers of the school" – came up as a desire of to know if teachers are aware of their role and also about the possibility of can make a difference within the school. In addition, if they know that this difference could change not only the concept that they have in the society, but mainly the results that can achieve with their students. Considering the new paradigm of education and the role of the teacher in the current context, this study want to comprehend as the teachers, of elementary school and high school, perceive themselves as agents of processors school, their role in the society and what powers are necessary to be a good teacher today. The research supported by the constructivist paradigm, it is characterized as a descriptive and interpretative approach. For data collection using the semi-structured interviews and data were studied by using content analysis (ENGERS, 1987). The results that emerged from the study were grouped into categories: modern and post modern society in the social transformation of the school and teacher. These were analyzed by a dialogical reflection with the author as: O'Sullivan, Perrenoud, Vasconcellos, Bazarra, Engers and others. It was observed that teachers are aware that living in a society in constant transformation as well as that the school hasn't working according to the cultural space and time. Yet the teachers understand that is necessary a new position of the professor, in which the work tied up personal and professional skills along with the commitment and continuing education in springboard for processing. But, it is important to say that they do not feel responsible for this process that may break with the traditional paradigm in the educational context.

Key words:

Teachers, school, process agents, perceptions.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 INVESTIGAÇÃO</b> .....	<b>14</b>
1.1 OBJETIVOS .....	14
1.1.1 Geral .....	14
1.1.2 Específico .....	14
1.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA .....	14
1.3 QUESTÕES NORTEADORAS .....	15
1.4 PARTICIPANTES E INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS .....	15
1.5 ANÁLISE DE DADOS .....	15
1.6 ENTREVISTA .....	16
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>17</b>
<b>3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>24</b>
<b>4 A SOCIEDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>28</b>
4.1 O CONTEXTO EDUCACIONAL .....	28
4.2 MODERNIDADE .....	31
4.3 PÓS-MODERNIDADE .....	33
<b>5 A TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA</b> .....	<b>39</b>
5.1 A CONCEPÇÃO DA ESCOLA .....	39
5.2 A FUNÇÃO DA ESCOLA .....	42
5.3 A ESCOLA RESILIENTE .....	47
5.4 A ESCOLA HUMANIZADORA .....	48
<b>6 O PROFESSOR</b> .....	<b>50</b>
6.1 O PROFESSOR E SUA IDENTIDADE .....	50
6.1.1 Identidade e Crise de Identidade .....	51
6.1.2 Identidade Profissional .....	52
6.2 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES .....	56
6.3 A FUNÇÃO DO PROFESSOR .....	60
6.3.1 A Profissionalidade .....	60
6.3.2 Função e Papel do Professor .....	62

6.4 As Competências do Professores .....	63
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>76</b>
<b>OBRAS CONSULTADAS .....</b>	<b>81</b>
<b>APENDICES .....</b>	<b>83</b>

## INTRODUÇÃO

Há uma história que conta que um ser humano abandonou a Terra e viajou algum tempo à velocidade da luz. Em seu regresso, para ele, havia se passado, apenas algumas horas, mas na realidade passaram-se muitos anos. Séculos. Em seu desconcerto – não reconhecia em nada algo conhecido - somente o consolou o único lugar que continuava o mesmo de sempre: a escola (autor desconhecido).

O século XXI caracteriza-se pela aceleração das mudanças provocadas pela velocidade do processamento das informações, tornando inegável o fato de que vive-se ou está se vivendo, numa sociedade em constante transformação que requer outro perfil de seres humanos.

O'Sullivan reforça essa idéia dizendo que:

(...) estamos começando a entender que vivemos um período da história da Terra extremamente turbulento, uma época em que há violentos processos de mudanças que nos desafiam em todos os planos imagináveis. A responsabilidade dos seres humanos hoje em dia é de estar totalmente envolvidos por essa transformação incrível e ter influência na direção que ela vai tomar (2004, p.33).

É nesse contexto de extrema transformação e necessidade de mudanças, que se nota o descontentamento e a insatisfação quanto aos resultados dos alunos e a qualidade da escola, onde seus princípios e métodos estão em descompasso com exigências do mundo contemporâneo. A constatação de que a escola continua a mesma precisa ser encarada de frente.

Já há alguns anos a educação vem sendo vista como a salvação dos países em desenvolvimento e, conforme Engers e Morosini “ *em se tratando de educação, o processo de ensinar e aprender ocupa papel fundamental e como tal merece atenção especial*” (2006,p.539).

Tendo presente este papel da educação, precisa se considerar que, nos últimos anos, muitos países vêm empreendendo intensos processos de transformações educacionais, em que as novas tecnologias da informação ganham ênfase dentro das escolas. Porém para outros, entre eles o Brasil, esse fator não tem sido suficiente para melhorar a aprendizagem e, conseqüentemente, seus índices de desempenho.

A escola, como instituição formadora, tem suas funções questionadas e, muitas vezes, minimizadas vindo-se obrigada a repensar sua prática para atender as necessidades da sociedade. Isso acarreta uma luta sem tréguas em nome da educação como única via de universalização de uma educação de qualidade para todos, pois conforme o pensamento de Esteve (1999, p.95), muitas vezes “*parece que a sociedade deixa de acreditar na escola como promessa de um futuro melhor*”.

O professor, nessa visão, passa então, a ser apontado como a possível “raiz do problema”. A ele é imposto um perfil necessário de profissional da educação, conforme Vascellos (2003, p.9), “ *que tenha muita clareza desse quadro histórico-social e do seu papel no interior dele*”, nascendo assim, a consciência de que sem ele é impossível reconstruir a escola, porém colocando-o em situação paradoxal:

(...) se, por um lado, é no professor que se deposita parte da responsabilidade pela condução do processo de consolidação de novos paradigmas científicos, éticos e culturais, fato que se traduz em exigências cada vez mais complexas quanto a suas competências profissionais, é verdade, também que a ele é destinado um lugar socialmente desvalorizado, que lhe confere a condição de excluído” ( NÓVOA,1995, p.34).

Educar neste século, de acordo com Ketzer (2007), significa dominar e transcender aos conhecimentos adquiridos, estimular a capacidade de questionar, analisar criticamente e tomar decisões. É desenvolver valores éticos e morais,

permitindo a si e aos alunos, assimilar os conhecimentos adquiridos com a cultura de um mundo globalizado.

Diante deste cenário, é de grande relevância refletir sobre a percepção que os professores têm deste momento social, bem como da responsabilidade que ocupam no contexto que vivenciam e ainda, em que medida julgam-se aptos para fazerem com que a escola reconquiste o seu lugar na sociedade.

Assim, a temática deste trabalho é o paradigma transformador da educação e o papel do professor no cenário da sociedade atual. O problema da pesquisa é: como os professores de Ensino Fundamental e Médio percebem-se como agentes transformadores da escola, pelo papel que desempenham.

Burke (2003, p.8) argumenta que *“a necessária revolução educacional só poderá partir do professor”*. Contudo, o autor reforça a idéia de que esta revolução só acontecerá se *“começar com uma revolução em cada professor”*, sugerindo assim, um processo em cadeia.

# **1 A INVESTIGAÇÃO**

## **1.1 OBJETIVOS:**

### **1.1.1 Geral**

- detectar as percepções dos professores quanto a seu papel na escola e na sociedade.

### **1.1.2 Específicos:**

- compreender como o professor percebe sua missão de agente transformador na escola e desta, na sociedade;

- conhecer que competências o professor considera essencial para que atue como transformador na escola e esta possa contribuir com o aprimoramento da educação na sociedade.

## **1.2 Abordagem Metodológica**

Este trabalho tem o objetivo de descrever, compreender e interpretar um fenômeno educativo no contexto escolar. Para tanto será realizada uma investigação apoiada no paradigma construtivista, com uma abordagem descritiva e interpretativa (ENGERS,1994, p.65).

Ao investigar a percepção do professor quanto a sua função na transformação da escola atual na escola que a sociedade almeja, a escolha pela abordagem de investigação, justifica-se por possibilitar ao pesquisador considerar o contexto em que o professor está inserido, ou seja, a escola e a sociedade.

Os dados que emergirem das entrevistas estarão vinculados ao paradigma construtivista (LINCOLN e GUBA, 1985 in ENGERS,1994), possibilitando o estabelecimento de uma relação constante entre o pesquisador e os entrevistados, num processo dialético, que pressupõe diálogo, crítica, análises, construções e reconstruções, descartando-se assim, a neutralidade do pesquisador.

### 1.3 Questões Norteadoras:

- Como os professores percebem o cenário da sociedade atual?
- Os professores reconhecem a função da escola no contexto social?
- O professor percebe sua responsabilidade profissional para que a escola atenda as necessidades da sociedade?
- Quem o professor responsabiliza pela desvalorização da escola?
- Que competências o professor percebe como essenciais para que ele desempenhe o papel transformador da escola?

### 1.4 Participantes e Instrumentos da Coleta de Dados

A coleta de dados foi feita através de uma entrevista semi-estruturada, aplicada aos professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, sendo 5 das Séries Iniciais, 5 das Séries Finais e 5 do Ensino Médio, perfazendo um total de 15 entrevistas. Estas foram gravadas, transcritas e, depois, devolvidas aos entrevistados para conhecerem as suas concordâncias/discordâncias (LINCOLN e GUBA , 1985 in ENGERS,1994).

Conforme Lüdke e André (1986 p.34), a entrevista semi-estruturada permite a manifestação livre do entrevistado, valorizando a presença do pesquisador e permitindo um diálogo que oferecerá *“todas as condições de liberdade e espontaneidade necessárias ao entrevistado, a partir de um esquema básico, não rígido”*.

### 1.5 Análise de Dados:

A análise das entrevistas foi feita por meio de Análise Textual, conforme Engers (1987), através das seguintes etapas:

- Impregnação do texto: é leitura através da qual o pesquisador buscará compreender o entrevistado.
- Análise vertical: é busca dos significados muitas vezes implícitos nas respostas para cada entrevistado;
- Análise horizontal: é análise de cada questão comparando com a análise vertical, isto é, cada questão é analisada para todo o segmento dos participantes;
- Síntese: é a identificação das diferentes ou semelhantes manifestações dos entrevistados, agrupando-as e sintetizando-as;
- Categorização: é tradução das evidências que emergem do estudo.

### **1.6 Entrevista:**

- a) Como você caracteriza a sociedade atual?
- b) No seu entendimento, qual a função da escola?
- c) Qual é a sua função como professor ?
- d) Você se considera responsável pela transformação da escola? Justifique
- e) Quem são, na sua percepção, os maiores responsáveis pela crescente desvalorização da escola?
- f) Na sua percepção, que competências são importantes para que um professor possa exercer com eficiência sua função nos dias atuais?

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Entender a percepção que os professores, de Ensino Fundamental e Ensino Médio, têm de si mesmo na escola, pressupõe que questões, precisam ser discutidas, como: sociedade, escola, professorado, profissionalismo e formação.

Desde os primórdios tempos, a finalidade da escola esteve ligada a educação dos membros de uma sociedade, por isso os conceitos de escola e sociedade sempre estiveram imbricados e suas concepções entrelaçadas, complementando-se. Nesse sentido, tanto pode a sociedade modificar a escola ou a escola modificar a sociedade, conforme o entendimento de Bertrand e Valois:

(...) a organização educativa pode contribuir para a modificação das orientações da sociedade. Ela possui então, certa autonomia e pode intervir nas suas próprias orientações, fixadas pela sociedade, quer aceitando-as, adaptando-as ou contestando-as (1994, p.14).

A sociedade atual vive um processo de instabilidade, aspirando por uma escola que garanta, conforme Libâneo, a formação de cidadãos que sejam capazes, não só de participar da vida social, mas sobreviverem com dignidade nela:

A escola que sonhamos é aquela que garanta a todos a formação cultural e científica para vida pessoal, profissional e cidadã, propiciando o estabelecimento de uma relação de autonomia crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações, vislumbrando a formação de cidadãos que tenham participação em todas as esferas da vida social” (2003 p.7).

Parecendo não dar conta desta função, é geral o descontentamento e a insatisfação quanto aos resultados dos alunos e a qualidade da escola, ficando evidente que seus princípios e métodos estão em descompasso com exigências do mundo contemporâneo. Porém, não se pode negar que a vida social dos indivíduos é regida pela educação.

O processo educativo estrutura o futuro social através da educação que conforme Engers e Morosini (2006, p.538), muitas vezes, torna-se tábua de salvação para alguns países.

Ao se questionar a escola, busca-se o professor, que para Morosini (2006, p.85), “*continua a ser um forte parâmetro no ensino*”, como o principal caminho para a mudança.

Conforme o entendimento de Vasconcellos, que explicita a relação intrínseca entre escola e sociedade:

(...) os professores e as escola são necessários, tendo em vista o aumento das atribuições da escola, a valorização da criança na sociedade, a exigências de pessoas mais criativas no trabalho, bem como as necessidade de preparar as novas gerações para uma sociedade de mudanças rápidas (2003, p.20).

Neste contexto, a base teórica deste projeto de pesquisa se estabelece a partir de autores como Novoa (1988-2004), Tardif (2002), Arroyo (2001), Libâneo (2003), Contreras (1997), Engers (1994-2008), O’Sullivan (2004), Vasconcellos (2003), entre outros, que discutem o papel do professor numa época de mudanças e desafios, entendendo que o destino do professor está relacionado aos caminhos da educação.

Propõe-se a análise e discussão de contribuições teóricas entre autores e estudiosos de tempos e espaços diferenciados, que possibilitem conhecimentos necessários ao aprofundamento e desenvolvimento desta pesquisa.

Vive-se num momento em que o ato de aprender e o ato de ensinar são de grande relevância, o que, conforme Vasconcellos (2003, p.48), caracteriza a responsabilidade do professor, pois ele trabalha com dois elementos imprescindíveis para espécie: “*as novas gerações e o conhecimento*”.

Esse cenário exige que o professor reformule sua formação inicial, repensando o seu saber-ensinar, rompendo o paradigma de formação do passado, em que, conforme Nóvoa (2001, p.35-37); “*educar era preparar no presente para agir no futuro*”. Além disso se proponha a associar o tempo e o espaço, garantindo a eficiência da escola no tempo presente.

Esta realidade remete ao entendimento de Engers sobre a formação dos professores:

(...) passamos da idéia do professor que apenas transmite conhecimentos para a compreensão de que o ser humano é capaz de construir o seu próprio saber, e, para tanto, o educador precisa proporcionar aos seus estudantes, condições e aprendizagem, comprometendo-se também com o seu próprio aprendizado (2007, p. 26).

É indiscutível a necessidade de resgatar a profissionalidade do professor, construindo um novo perfil de educador capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, dos alunos e dos diversos meios de comunicação, tendo, conforme Libâneo:

(...) uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias (2003, p.10).

Também é importante reconhecer que a desvalorização do papel do professor e do magistério em geral, está diretamente relacionada às transformações da sociedade. Compreender quem é o professor e em que condições ele se tornou professor é mister, para que a docência seja satisfatória ao tempo e espaço de hoje.

Por sua vez, os professores têm sua identidade e dignidade profissional perdida, na luta pela afirmação social no contexto em que atuam, fazendo com que se sintam incapazes diante de sua missão de ensinar:

(...) vivem uma situação de completa desorientação global devido a uma crise que tem muito a ver com perder as referências fundamentais do que era o grande projeto de escolarização em termos sociais mais amplos (NOVOA, 2001, p. 35-37).

Nóvoa critica o papel de “salvador” que é dado aos professores na construção da sociedade do futuro, responsabilizando os governantes pela desvalorização social destes e as políticas educativas por lhes tirarem a autonomia.

Em Engers e Morosini (2006) encontra-se também o incentivo ao desenvolvimento de competências que se apresentam como fundamentais para um professor fazer frente às exigências sociais nos dias atuais.

Mundialmente, sente-se a necessidade de investir num novo perfil de professor, que tenha “saberes” que atendam às necessidades da sociedade. Mas quem é o professor? Usando o conceito de Tardif (2006, p.31) professor é: *“antes de tudo alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”*.

Porém é evidente que só o saber ensinar não basta para ser professor, é necessário adotar uma teoria aliada a uma prática consciente, prática que se dá na experiência, mas apoiada em muitos outros saberes. Faz-se necessário refletir sobre que saberes seriam esses, que teriam condições de modificar a escola e a sociedade.

Segundo o dicionário, “saber” significa *ter conhecimento de; compreender; ter a certeza; estar convencido*. Quando se relaciona a palavra saber a professores entende-se que seja algo que eles dominem com muita competência, pois conforme Morin (2001) “saberes” inclui uma dimensão cultural, uma dimensão de vida.

Para Tardif, o saber docente é múltiplo e orientado por outros saberes, que têm como objeto de trabalho os seres humanos:

(...) o saber docente é um saber plural, oriundo da formação profissional (saberes transmitidos pelas instituições de formação); de saberes disciplinares (saberes que emergem do campo de conhecimento); saberes curriculares ( são os programas escolares) e saberes experiências ( são os saberes que se originam no trabalho cotidiano)( 2006, p.36).

O autor defende que “o saber” não se reduz a processos mentais cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas a um saber social que se realiza nas relações entre professores e alunos *“há que se situar o saber do professor na*

*interface entre o indivíduo e o social, entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo” (p.16).*

Para Nóvoa (2001), esses saberes são construídos ao longo de toda a existência, desde que o professor entra na escola como aluno até o final de sua vida profissional, num processo de formação contínua. Esse valoriza a autoformação e a reelaboração dos saberes pela prática. Porém, adverte que a prática só se faz formadora quando acompanhada da reflexão.

A formação inicial é uma necessidade profissional, porém a formação continuada deve ter espaço de *“necessidade docente”*, para poder ter significado, e não apenas ato cotidiano. Nóvoa (2001, p.35-37) afirma que a formação pertence ao sujeito, cujo o processo está inscrito na própria vida e também nos projetos de vida, reforçando o entendimento de Freire (1997), de que a formação não se dá por mera acumulação, mas que é uma conquista que depende sempre de trabalho pessoal *“ninguém forma ninguém, cada um forma a si próprio”*.

Neste pensamento, faz-se importante, também a conceituação de profissionalidade (MOROSINI, 2003, TARDIF, 2006) como a construção do sujeito ou seja, a reflexão sobre a prática que acontece ao longo da vida.

Já para Contreras (2002), a profissionalidade tem um conceito mais amplo, abrangendo a obrigação moral, o compromisso com a sociedade e a competência profissional.

Morosini explica que:

No contexto das múltiplas narrativas educacionais onde o professor precisa pensar sua profissão um elemento decisivo na figura do professor como responsável no processo educativo é conferido à autonomia profissional, variável segundo o modelo de professor dominante (2006,p.97).

É praticamente unânime a posição de vários autores, considerando a autonomia como uma construção, que leva a uma independência de pensamento na

docência. Nela o professor deve ser capaz de enfrentar e resolver seus problemas cotidianos, assumindo sua prática docente e conseqüentemente, responsabilizando-se pelos seus atos, o que só pode ser feito a partir de uma liberdade profissional construída, de apropriações e convicções que guiem o seu fazer.

Contreras entende autonomia como:

(...) ao mesmo tempo, uma reivindicação da dignidade humana das condições trabalhista dos professores e uma reivindicação de oportunidade para que a prática do ensino possa se desenvolver de acordo determinados valores educacionais, que atuem como orientadores da própria prática ( 2002, p.195).

Para ele a perda da autonomia significa a perda de controle sobre o processo de trabalho, uma alienação, que pode levar a uma acomodação e ao não envolvimento com a ação pedagógica, que resulta no descontentamento da sociedade e conseqüentemente na desvalorização do professor.

Também é importante refletir sobre as TICs (tecnologias da informação e da comunicação), que mudaram definitivamente as características da sociedade, cujos padrões de produção e consumo estabelecidos, pela competitividade internacional estão freqüentemente delineando um novo perfil de profissional. Esse tem que dar conta das novas tecnologias, o que se reflete diretamente na escola.

A propósito disso, na visão de Castells (1997), o conhecimento passa a assumir papel determinante e o termo sociedade aprendente, e outros similares, surgem conclamando a necessidade de novas aprendizagens.

Analisando esta realidade, busca-se em Delors (2006) e Morin (2001), o estabelecimento de características da educação que possam vir a atender a sociedade atual e do futuro. Em O'Sullivan (2004), a reflexão de uma visão educacional na perspectiva transformadora, holística, onde a discussão sobre um "novo processo de encantamento ou reencantamento", vislumbra uma nova visão de mundo, em que os processos são vistos como um todo, sem emendas.

Quanto às mudanças necessárias para transformar a visão que a sociedade tem da escola e do próprio professor, Vasconcellos faz duas considerações importantes:

- a mudança da situação do professor não vai se dar de forma isolada; está relacionada a um movimento social de resgate de cidadania para todos;
- a imprescindível mudança das condições objetivas depende da mudança subjetiva do professor, da sua atitude, da sua postura face a realidade (2003, p 12).

Assim sendo, em Nóvoa (2001, p.35-37) encontra-se a ênfase da necessidade de se deixar os professores pensarem e assumirem o futuro da educação: *“os professores tem de vencer a batalha da credibilidade, e esta batalha ganha-se dentro e fora da escola na capacidade de explicarmos melhor o nosso trabalho e numa acrescida intervenção pública”*, complementada com a idéia de que é preciso que o professor assuma a tarefa de pensar a escola. O autor chama os professores à responsabilidade pelo futuro da escola.

Ficando assim expresso o pensamento de Nóvoa (2001), Vasconcellos (2003), Líbâneo (2003) e de tantos outros, que afirmam sua crença numa educação de qualidade, mas sobretudo no “educador como sujeito da transformação social” da escola.

### 3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O sistema educacional tem vivenciado conflitos que expressam as transformações sociais e as exigências para a formação das futuras gerações, em que o acesso a informação, a nova constituição social e familiar e o mercado econômico são apenas algumas das características da sociedade do século XXI, que afetam diretamente a educação e, conseqüentemente, a escola e seus professores.

Não há como falar prospectivamente da educação sem mencionar o Relatório Delors (UNESCO,2006), que involuntariamente vai se manifestando nos vieses deste trabalho.

Este documento, publicado no Brasil com o título: “Educação: Um Tesouro a Descobrir”, é um relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, coordenado por Jacques Delors. Ele procura conscientizar a sociedade para as exigências de rumos educacionais diferentes, delineando novos caminhos para melhorar a educação.

O relatório explicita sua crença na educação para o desenvolvimento da sociedade, “ *a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na construção dos ideais de paz, de liberdade e de justiça social*” (p.11) , propondo de forma instigante, as quatro aprendizagens fundamentais, chamadas de pilares da educação. Também dá ênfase ao papel dos professores como agentes das mudanças, formadores do caráter e do espírito das novas gerações.

O futuro tem se apresentado muito próximo e cheio de desafios, obrigando a educação a encarar seus problemas e sua importância na vida de cada um, tornando-se, conforme o Relatório Delors (2006, p.19) “*a chave de acesso ao século XXI*”.

Neste contexto, O’Sullivan (2004, p.43), coloca que “... *vivemos uma época muito marcante de luta pela sobrevivência e precisamos desesperadamente de um*

*amplo sistema cultural de interpretação para compreender nossa situação presente*”, deixando claro que a educação poderá ter grande influência nessa interpretação.

Hoje se entende a educação como um processo que acontece ao longo de toda a vida do ser humano, independente de sua classe social, porém a instituição “escola” se sobressai, como sendo a única responsável. Mesmo sendo este um pensamento equivocado, ele é predominante.

A instituição escola é herança da sociedade industrial, na qual o importante era preparar o indivíduo para produzir. Apesar da proposta de letramento para todos, a qualificação era diferenciada, conforme a categoria e a classe social. Era uma estrutura que atendia a sociedade do momento.

Neste cenário, Engers, situa a educação no Brasil, permeada de instabilidade e pouco reconhecimento:

No passado, a educação não desempenhou papel preponderante na história deste País. Na realidade a Educação Brasileira continuou até os dias atuais, numa dialética entre ir e vir, da abertura ao fechamento de cursos, da vinculação a desvinculação da escola à união, da dicotomia ensino público - ensino particular. O professor desempenhou papel de reprodutor da sociedade (1996, p.8).

Na busca por mudanças, atualmente a escola debate-se sobre as suas funções e duela com a sociedade sobre responsabilidades, pois seu sentido e sua finalidade são aspectos decisivos na compreensão da educação. Porém, para Moraes (1997, p.98), é inegável em todas as instâncias a consciência de que *“de uma visão educacional modernista compreendida como um sistema fechado, isolado e estável, em que não havia transformações, evoluímos para a compreensão de que a educação é um sistema aberto de trocas”*. São outros tempos que exigem uma nova visão educacional.

No momento em que a escola é responsabilizada pela educação, conseqüentemente, o professor é visto como o executor dessa tarefa, pois conforme Vasconcellos *“a situação do professor tem, obviamente uma relação intrínseca com a percepção social do valor da escola”* (2003, p.21).

É fato que o professor e a escola são necessários à sociedade e têm cada vez aumentado mais suas atribuições. Com a valorização da criança, a exigência de pessoas mais criativas no mercado de trabalho e a consciência de que é necessário preparar as novas gerações para uma sociedade em constante transformação, tanto a Instituição Escolar quanto a pessoa do professor passam a receber novas atribuições.

Em meio há tantas responsabilidades, escola e professor vivem crises de identidade. Isso exige de ambos uma reestruturação imediata, pois conforme Ferreira, *“vivemos num contexto social e conseqüentemente escolar, de ruptura de paradigmas, de mudanças e muitas vezes de desvalorização, que tem levado a escola e seus professores à perda de identidade”* (2007, p.40).

Morin (2001,p.10-11) diz que *“enquanto o professor e a escola não reencontrarem o sentido fundamental de sua missão, a crise perdurará”*. Com esse entendimento, pensar uma nova escola significa confrontar o professor, em todo o seu contexto.

Analisando a percepção dos professores sobre sua responsabilidade pela transformação da escola, expressas nas entrevistas, emergiram as relações entre educação, sociedade e escola que foram agrupadas em categorias.

É inegável a complexidade desta tarefa, pois mesmo estando consciente de que uma proposta metodológica construtivista está impregnada pelas impressões do pesquisador existe momentos que é preciso deixar as expectativas e experiências dos demais participantes destacarem-se. Isso precisa acontecer para dar ao leitor uma visão real do fenômeno pesquisado.

Na busca de fidelidade aos resultados encontrados, as categorias resultantes da análise de conteúdo foram:

- sociedade moderna e pós-moderna no contexto educacional;

- a transformação da escola;

- o professor.

No contexto educacional buscou-se situar a escola na sociedade moderna e pós-moderna, tendo em vista que na fala de alguns professores ainda prevalece conceitos da escola tradicional, embora vivendo numa sociedade pós-moderna.

A transformação da escola vai refletir sobre as características esperadas para a escola atender às necessidades de uma nova sociedade, através de tópicos como resistência, flexibilidade, resiliência e o seu papel humanizador, atualmente tão freqüente em todos os discursos.

Por fim, no capítulo intitulado “o professor” buscou-se analisar sobre as características desejáveis deste profissional para poder ser o eixo transformador da escola, abordando temas como formação, profissionalismo, identidade e competências.

## 4 SOCIEDADE MODERNA E PÓS-MODERNA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Situar a escola no seu contexto pressupõe, primeiramente entender as manifestações da sociedade e suas transformações. Nesse intento o contexto educacional torna-se a grande categoria, tendo a Modernidade e a Pós-Modernidade como sub-categorias.

### 4.1 O CONTEXTO EDUCACIONAL

É claro no discurso dos professores o apego pelo tempo passado, um saudosismo pela escola de antes, vista como a ideal, o que na opinião de Bazzarra pode ser a causa dos problemas da educação *“os modelos que funcionavam há dez anos já não são válidos. Conservá-los e sentir saudade é o que causa o desgaste”* (2006, p.31).

A concepção de sociedade extremamente materialista, apegada ao ter e ao consumo desenfreado, também é latente. Conceito esse, que apesar de desgostar alguns professores, boa parte deles, de uma ou outra forma, colaboram e que todos estão inseridos. A esse respeito determinada professora disse *“ a atual sociedade é consumista, onde o ser humano é visto pelo ter e não pelo ser”*, a fala de outra, demonstra resignação ao completar *“nessa sociedade materialista que tanto critico, também acabo sendo consumista”*.

Ao tentar situar a realidade passada, embora não tão distante, questionou-se se realmente são concepções de outrora ou se está se delineando um cenário atual. Porém, parece que essa visão da sociedade e da escola, que deveria ter ficado no passado, está muito presente.

De forma bem agressiva, Moraes crítica essa escola defasada, do presente enraizada no passado:

(...) não cumpre sua finalidade maior, voltada para emancipação de sujeitos históricos, capazes de construir seu próprio projeto de vida. Que não acompanha o desenvolvimento econômico e tecnológico dos novos tempos. Que não prepara para viver e atuar no contexto de incerteza e

instabilidade. Ela continua trabalhando como se antigos pressupostos de estabilidade e certezas ainda expressassem a realidade. E pior, ainda continua defasada, absoleta, num processo de decadência acelerada, sem absorver as mudanças tecnológicas da sociedade em que vivemos (1997, p.132).

É impossível estabelecer um fato, que se defina como marco entre passado e presente, moderno e contemporâneo, pois mesmo parecendo “clichê”, o tempo, cada vez mais, é relativo às experiências de hoje. Na verdade, os fatos em poucos dias se transformam em experiências do passado, já não correspondendo as expectativas do presente e muito menos do futuro.

Neste sentido Mosquera coloca com propriedade que

(...) a velocidade com que se processa a mudança é ascendente, dificulta a interiorização das crises. O futuro se apresenta cada vez menos como a projeção do passado e, sem dúvida, vivemos uma etapa de incertezas (2003, p.43).

Ainda continuando com o mesmo raciocínio entre passado e presente parece ser também esclarecedor o pensamento de Moraes:

A partir do século XIX, a visão mecanicista do mundo, decorrente do paradigma cartesiano-newtoniano, que se tornou a base natural de todas as ciências, começou a perder o seu poder de influência como teoria que fundamentava a ocorrência dos fenômenos naturais. Iniciava-se assim uma ruptura entre o mundo moderno e o contemporâneo, caracterizando o final de uma história e o começo de outra, a partir das descobertas iniciadas no alvorecer do séc XX (1997, p.56).

Neste contexto, pensar a educação submete a necessidade de estabelecer qual a função da escola para a sociedade, pois é inegável o fato de que a própria escola não consegue estabelecer quais as suas funções dentro da sociedade.

Traduzindo a preocupação de muitos educadores, Ferreira diz que “a renovação da escola, sua transformação ou reinvenção tem sido preocupação de todos que trabalham, direta ou indiretamente por ela, pois a escola que se conhece parece não responder aos anseios dos novos tempos” (2007, p.43)

Para Bertrand e Valois (1994), a escola, denominada por eles de *organização educativa*, existe para atender a sociedade e, portanto, deve ser

determinada pelas orientações desta, estabelecendo-se assim, uma relação dialética entre escola e a sociedade. É nesta perspectiva que é possível afirmar que as atividades da escola são determinadas pelo paradigma sociocultural dominante.

Essa relação escola-sociedade é muito difícil de ser entendida por muitos professores, cujos discursos ainda refletem a função da escola extremamente conteudista, apenas transmissora de conhecimentos, fato expressado na fala de um professor: *“como professor de uma escola tenho a responsabilidade de desenvolver os conteúdos propostos”*.

Esse apego aos conteúdos remete à formação dos professores, pois deveriam ser preparados nos dias atuais para atuar no futuro e geralmente não é o que acontece. Os professores são preparados com conceitos de ontem para atuar no hoje. Os tempos de formação e atuação são diferentes. São concepções como esta, de uma instituição à parte do contexto social, que parecem estar distanciando cada vez mais a sociedade da escola.

Passado e presente se entrelaçam. Porém, não há dúvida de que a possibilidade de qualquer mudança recorre à necessidade de conhecer o passado.

Rodrigues explica essa necessidade de visitação ao passado, usando de forma poética, a importância do passado para os gregos:

Cantar o passado significa muito mais do que ser por ele encantado. Cantar o passado permitiria a cada um trazer à memória, no presente, um feito glorioso que dera origem ao momento atual. Era como ungir o passado ao presente. Era um gesto para escapar dos males do cotidiano, eternamente retrato fiel de quão aborrecida é a vida dos seres humanos. Aprendemos desse modo que somente quando se recolhe na memória a lembrança do que já foi, pode se unir um mesmo destino: o passado e o futuro (1999, p.25).

Então, conceber uma nova educação, que atenda à sociedade contemporânea, requer primeiramente entender a evolução da sociedade, e o perfil de escola e de profissional que ela exige, pois conforme Abraão (2007, p.11) *“num momento de tantas incertezas, transformações e mudanças, pensar o futuro nos remete ao compromisso de visitar o passado”*.

## 4.2 MODERNIDADE

A modernidade foi consolidada com a Revolução Industrial, estando então, relacionada ao desenvolvimento do capitalismo.

De acordo com O'Sullivan, Wiber define a modernidade como sendo um período racional-industrial, marcado por grandes acontecimentos. Para ele:

O surgimento da modernidade – e como modernidade refiro-me especificamente a visão de mundo racional-industrial e, mais ou menos, a visão iluminista em geral – serviu para muitos objetivos úteis e extraordinários. Poderíamos citar o surgimento da democracia, a abolição da escravatura, o nascimento do feminismo, um aumento de quase três décadas na expectativa de vida, ... (2004,p.25).

A modernidade apresentou-se numa época em que o homem apostou na sua inteligência e buscou dominar o mundo, conforme complementa O'Sullivan:

No início do século XX existia uma fé profunda e inabalável no intelecto humano, na tecnologia e no poder da ciência moderna. Uma fé incrível no progresso... A idéia de progresso tornou-se promineinte, e o aperfeiçoamento humano parecia praticamente assegurado pela capacidade do intelecto aliado à tecnologia da máquina. Havia um sentimento de grande expectativa (p.41).

De modo geral, o século XX se caracterizou pela predominância do paradigma industrial, que propunha, entre outras idéias, a aplicação da racionalidade científica e do progresso. Uma sociedade que valorizava a conquista material, por isso denominada de materialista. Conceito este muito presente na fala dos professores, ao caracterizarem a sociedade atual, apontada por eles como sendo um dos motivos que levaram a perda de valores éticos, sociais e morais: *“sociedade extremamente materialista e consumista, mas vazia de interesses intelectuais”*, *“sociedade pobre de espírito”* e ainda *“sociedade que banaliza a informação e perde seus valores essências”*.

Com o olhar voltado para a educação, Engers (1996, p.9) afirma que *“a modernidade seria melhor compreendida se fundamentada na educação”*, buscando a recuperação de valores importantes para o crescimento da sociedade.

Também percebendo esse distanciamento entre a educação, seus fins e contexto social, como causa do fracasso da educação, Rodrigues, coloca que:

Na medida em que a educação contemporânea se identifica com a progressiva dissolução humana e se afasta do que sempre se constitui nos fins mais ambiciosos da civilização humana, isso acaba por produzir um profundo sentimento de frustração. No momento em que mais se anuncia sua importância, mais se distancia de seus fundamentos primeiros. A educação, identificada como Educação Escolar, nos últimos tempos converteu-se em simples instrumento do pragmatismo imediatista e utilitarista do mundo capitalista. E por isso aprofunda-se e alarga-se o fosso entre o que deveria se constituir como essência do ato educativo de as práticas colocadas em andamento nos tempos modernos(1999,p.15).

No contexto educacional, a idade moderna alicerçou a idéia de que os conceitos de educação e sociedade sempre estiveram imbricados. Conforme Pozo (2002, p.30) *“a escola como instituição social alcançou um novo desenvolvimento como conseqüência da Revolução Industrial, da mecanização do trabalho e da concentração urbana da população”*.

Nessa visão, a função da escola era a transmissão de saberes, que preparassem o indivíduo para o presente e para o futuro, considerando as aprendizagens do passado, entendendo Pozo (2002,p.30) que *“ a escola ensina a ler e a escrever, não como meio para ter acesso a outros saberes, mas como um fim em si mesmo”*.

É uma estrutura baseada na figura do professor “ como detentor do saber” e o aluno como “tábula rasa”, características da Escola Tradicional. Yus (2002, p.91) ressalta que, *“a escola tradicional sempre se caracterizou pela ênfase no passado”*, acrescentando que o saber transmitido *“é o saber social e academicamente adquirido ao longo de séculos de cultura”*.

Apesar de se pensar ser esta uma escola do passado, encontram-se muitos discursos arraigados nessas origens tradicionais, inseridos em uma concepção de sociedade, onde a escola deve atender a uma população de alunos e servir a todos de forma igualitária, descuidando-se assim, das diferenças e das necessidades individuais, o que diminui, de certa forma, o compromisso da direção e dos professores com o sucesso escolar.

A fala de um professor demonstra essa postura: “ *a escola está aí, quem quiser aprendê*”, ou seja, é claro que o professor considera que para aprender basta somente querer. Não é essa uma característica da escola do passado?

Apaziguando essa situação, sabe-se que foi a capacidade de aprendizagem do homem, independente da própria escolarização, que incitou a busca da sociedade pelo progresso, fato este que constantemente tem mudado as características da sociedade e, conseqüentemente, sua relação com a escola, mas que para Bertrand e Valois, não significou a evolução da última:

(...) a relação entre a sociedade industrial e a escola, modificou-se, principalmente devido a explosão demográfica e tecnológica. No entanto os princípios fundamentais da organização educativa não evoluíram, embora estejam aperfeiçoados ( 1994, p 98).

Enfim, tudo o que aconteceu no século XX no âmbito da história, do social, do científico e do técnico, ocorreu com uma velocidade enorme, o que levou a uma nova época, mas esta nova época parece não estar muita clara na concepção dos professores: alguns enfatizam as mudanças atuais, mas expressam um discurso completamente tradicional, outros ao contrário, falam da necessidade de uma prática diferenciada, mas ainda pensam a escola e a sociedade de forma tradicional.

Faz-se mister entender que se vive uma outra época, a pós-modernidade!

### **4.3 PÓS-MODERNIDADE**

O advento da pós-modernidade, denominado por Hall (2003) de *modernidade tardia*, tem sido motivo de muitas controvérsias entre os educadores, não só sobre o termo, mas também sobre suas definições devido à dificuldade de se estabelecer com clareza os limites desse processo. Porém, há uma concordância de que a pós-modernidade é uma condição sócio-cultural do capitalismo contemporâneo, também conhecida como pós-industrial ou capitalismo tardio, que iniciou no final dos anos 90, tendo o discurso sobre globalização como característica (O’SULLIVAN, 2004).

O sociólogo Anthony Giddens (2003), compartilha com Hall a expressão modernidade tardia (usando também alta modernidade ou modernidade reflexiva), definindo-a como uma ordem pós-tradicional, que longe de romper com os parâmetros da modernidade propriamente dita, radicaliza ou acentua as suas características tradicionais.

Há autores que preferem evitar o termo. Baumann (2001), um dos principais divulgadores da “pós-modernidade”, tem preferido utilizar a expressão “modernidade líquida”, ao conceituar essa realidade ambígua, multiforme e sem padrões referenciais.

Já o filósofo francês Lipovetsky (2004) identifica-se com o termo “hipermodernidade”, considerando não haver uma ruptura da modernidade, entendendo que ainda está vigente a modernidade, porém com uma prevalência de aspectos sociais como individualismo, consumismo, a fragmentação do tempo e do espaço, entre outros.

Para o filósofo alemão Habermas (1990), o conceito de pós-modernidade está relacionado a tendências políticas e culturais neoconservadoras que tem o objetivo de combater as idéias iluministas.

Nesse cenário de divergências nas concepções da pós-modernidade e, conseqüentemente, de que tipo de sociedade e de homem ela requer, passa-se a viver então, uma crise histórica, que conforme Morin (2001) baseia-se numa crise do homem e de seus valores morais e sociais, que se reflete na fala do professor “*às vezes não sei como ensinar, hoje é tudo tão diferente ...*”.

Através de falas como esta é possível evidenciar o saudosismo dos professores pela sociedade e a escola de antes, como expressão dessa crise, de perda de referências e, conseqüentemente, de identidade, tanto do professor como da própria escola.

Lipovetsky coloca que o ser humano perdeu o rumo com a passagem do mundo industrial (modernidade) para a globalização (pós modernidade):

Cada época é pensada pelas características do seu laço social. Na modernidade as identidades eram organizadas verticalmente: a família, a empresa e a política tendiam a um ponto superior ideal... um dia ser como o pai! Na globalização, o laço social se horizontalizou e as idéias se pulverizaram. “Se antes o problema era como vou chegar lá?” Hoje passou a ser “Onde devo ir? Que caminho seguir?” (2004, p.56).

É importante então, considerar que, se a pós-modernidade trouxe grandes avanços como: a valorização da subjetividade, o reconhecimento dos mais variados movimentos e organizações sociais, a ampliação dos espaços de liberdade e criatividade, o multiculturalismo, novas formas de expressão, o debate sobre o meio ambiente e formas alternativas de produção e de vida, também trouxe muitos desafios e incertezas para o século XXI.

Bazzarra expõe com clareza esse momento:

O século XXI tem diante de si alguns desafios intelectuais e éticos de tal magnitude e diversidade que o exercício mais arriscado ao qual estamos sendo chamados, a grande revolução que devemos enfrentar é mudar nossa mentalidade (mudar a forma pela qual interpretamos, lemos, nos relacionamos com um mundo em constante mudança (2006, p.15).

Compreender esse processo e adaptar-se a ele é vital para a sociedade, a escola e os professores. É garantir a sobrevivência. Nesta ótica, Moraes (1997, p.133) expõe que *“as sociedades que não souberem compreender as mudanças e que não proporcionarem a todos os seus membros a oportunidade de uma educação relevante, ficarão à margem dos acontecimentos históricos”*.

Corroborando com esta idéia, Esteve citado por Bazzara, chama esse momento de enfrentamento das dificuldades e de apropriação de um novo contexto, de 3ª Revolução Educativa<sup>1</sup>, enfatizando que as instituições que não a acompanharem irão sendo substituídas:

Pela primeira vez na história, nosso sistema educacional se propõe a ir mais além do ensino para oferecer educação. Estas mudanças revolucionárias não estão isentas de problemas e contradições. E as nações que não forem capazes de superar as novas dificuldades e reorganizar seus sistemas educacionais para responder ao desafio desta

---

<sup>1</sup> Esteves considera a Revolução Silenciosa como a 1ª Revolução e Revolução Educacional como a 2ª Revolução.

3ª revolução educativa, não terão outra alternativa a não ser enfrentar a decadência (2006, p.30).

Neste cenário, nota-se na fala dos professores que o professor e a própria escola vivem conflitos paradoxais, entendendo fazerem parte de um contexto social diferente, mas não identificando suas funções e responsabilidades: *“ a sociedade está em constante evolução. Nós como professores estamos sempre inseguros, as coisas mudam muito, os conceitos modificam, mas não resta saída, a escola precisa preparar o indivíduo para esse momento”*.

O’Sullivan (2004) explica que o desafio dos educadores, nesse novo tempo, é encontrar uma visão significativa para a educação do século XXI, reforçando ainda que: *“a tarefa inicial do educador contemporâneo é encontrar nosso lugar na história, antes de definir o que a educação vai ser”*(p.39). Corroborando com essa idéia, para Engers (1996, p.11) *“ a pós-modernidade oferece ao educador a possibilidade de revisitar o velho e o atual e de pensar o novo, o futuro”*.

É um tempo histórico, de divisão de águas, tempo que O’Sullivan (2004) comparou as grandes mudanças que transformaram o mundo medieval no mundo moderno. É um tempo de incertezas e de visões conflitantes, com uma nova ordem econômica e social marcada pela globalização.

Lipovetsky (2004) coloca que em nenhuma outra sociedade, os indivíduos tiveram tanta autonomia e liberdade individual e em nenhum outro tempo o destino da sociedade esteve tão ligado ao comportamento de seus indivíduos. Acrescenta que essa tomada de responsabilidade choca e desestabiliza, mas considera vital, que todos assumam a autonomia conferida pela modernidade.

Esse quadro exige que as perspectivas educacionais sejam visionárias e transformadoras, transcendendo as experiências educacionais cultivadas nos últimos anos, porém não deixando se perder a identidade de cada um, conforme orientação do Relatório Delors (2006): *“a educação deve adaptar-se constantemente às transformações da sociedade, sem deixar de transmitir as aquisições e os saberes básicos, frutos da experiência humana”*(p.21).

O`Sullivan (2004) reflete ainda sobre a necessidade de uma tomada de consciência, de que todos fazem parte de um mesmo planeta e que somos responsáveis por ele, propondo a substituição da instrumentalização dos educandos para a dominação e apropriação da natureza por uma cultura que leve à construção de uma comunidade humana comum, através de uma visão transformadora para o século XXI.

É incontestável que grandes e profundas transformações vêm marcando o cenário atual. A explosão das TICs (tecnologias da informações e da comunicação) mudaram definitivamente as características da sociedade, expondo a três choques básicos:

(...) o choque da sociedade da informação, o choque da mundialização e o choque da civilização científica e técnica. E é a esse fenômeno complexo que se referem os diversos nomes: sociedade da informação (SI) sociedade do conhecimento (knowledge society) e sociedade aprendente (learning society) (ASMANN,1998,p.18).

Os padrões de produção e consumo estabelecidos pela competitividade internacional, estão freqüentemente delineando um novo perfil de profissional que dê conta das novas tecnologias, sendo inevitável, conforme Libâneo (2003), a conexão entre educação e economia.

O conhecimento passa a assumir papel determinante e o termo sociedade aprendente, e outros similares, surge conclamando a necessidade de “toda” sociedade, mundialmente, ir em busca de aprendizagens que garantam a qualidade de vida e sobrevivência no mundo atual. Educação passa a caminhar junto com empregabilidade e sustentabilidade:

Neste contexto de profunda mudança ideológica, cultural, social e profissional, aponta-se a educação como o cerne do desenvolvimento da pessoa humana e da sua vivência na sociedade da qual se espera um desenvolvimento econômico acrescido e uma melhor qualidade de vida (ALARCÃO, 2001,p.10).

A célebre frase de Kant, proferida no século XVIII, “*O homem só pode se tornar homem através da educação*”, ainda traduz com muita propriedade a importância da educação para os seres humanos, sendo a aprendizagem um processo natural e inevitável.

É fato que a educação vive momentos paradoxos, pois se de um lado apresenta-se complexa e com muitas dificuldades, de outro representa a esperança por um futuro melhor.

## 5 A TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA

Da mesma forma que a categoria anterior, esta também passa por desdobramentos e suas sub-categorias: concepções da escola, funções da escola, escola resiliente e a escola humanizadora.

Precisa-se pensar a escola, tendo como referência a colocação de Nóvoa:

(...) pensar a escola só tem sentido se for capaz de abrir o pensamento a outros possíveis. E só tem utilidade se tiver a inteligência de perceber os seus limites. Mas, hoje tem que se pensar numa reflexão estratégica, centrada nos estabelecimentos de ensino e nos seus projetos, porque é aqui que os desafios começam e importa agarrá-los com utopia e realismo; dito de outro modo, é preciso olhar para escola como uma topia, isto é, como um espaço e um tempo onde podemos exprimir a nossa natureza pessoal e social (1995, p.42).

### 5.1 A CONCEPÇÃO DA ESCOLA

Pensar a transformação da escola perpassa pela concepção que cada professor tem da mesma. Concepção esta que hoje está evidentemente impregnada pelo choque com a velocidade com que as mudanças acontecem, principalmente com a oportunidade de acesso ao conhecimento através da informática, o que de certa forma, coloca em dúvida o papel da escola e do professor, confirmando o pensamento de Pozo: *“a escola, em nossa sociedade, já não é a primeira fonte de conhecimento para os alunos e, às vezes, nem mesmo a principal em muitos âmbitos”* (2002, p.37).

Diante do questionamento se não estaria vivendo a escola, dominada pelo livro seus últimos dias, devendo dar lugar para uma sociedade sem escola, na qual o conhecimento estará à disposição de todos através da tecnologia, os professores assumem posições radicais: alguns se conformam com a idéia que perderam espaço para as tecnologias, outros negam veementemente o uso delas.

Constata-se, não só pelo discurso dos professores, mas principalmente por todo um contexto histórico e social, que a maioria das aprendizagens não foram construídas dentro da escola, mesmo considerando que a maioria das pessoas

passou por ela. Nesta direção determinado professor expressou que *“ me parece que é na escola que se deveria adquirir conhecimento, mas com certeza tudo o que não se aprende na escola, se aprende na vida, de forma certa ou não ”*.

A instituição escola é uma invenção recente, e teve sua origem (CANÁRIO, 2006) nas relações entre um mestre e um discípulo, evoluindo para um mestre e muitos discípulos, hoje chamados de alunos. Sempre teve o objetivo de transmitir rápido e democraticamente um patrimônio de saberes universais.

A expressão usada por um professor para definir qual a função da escola, reflete todo um desespero diante de uma nova sociedade, que ele próprio não entende e não consegue definir. Assim ele se expressou: *“a função da escola é tentar ensinar, mesmo sabendo que está concorrendo deslealmente com o computador”*. O uso da palavra “tentar” dá uma dimensão da sensação de fracasso do professor.

Pozo (2002, p.33) salienta que *“vivemos em uma sociedade da aprendizagem, na qual aprender constitui uma exigência social crescente que conduz a um paradoxo: cada vez se aprende mais e cada vez se fracassa mais na tentativa de aprender”*.

O autor (2002) ainda complementa dizendo que mesmo nessa situação de fracasso, é possível afirmar que o tempo dedicado a aprender *“estende-se e prolonga-se cada vez mais na história pessoal e social de cada um”*, constituindo-se numa educação obrigatória e na necessidade de aprender durante toda a vida.

Nesse contexto, e afetado por ele, a sociedade vive em constantes conflitos, tendo seus paradigmas modificados e seus conceitos de moral e ética parecendo cada vez mais insustentáveis e transitórios.

É uma crise que atinge diretamente a escola, que é obrigada a repensar seu papel diante de um novo modelo de sociedade, pois conforme Bazzara (2006,p.40) *“os desafios intelectuais e éticos com os quais o século XXI avança, mostram uma escola muito apegada a certa forma de ensinar que já não lhes interessa. Que não corresponde e que nos obriga a buscar certas respostas”*.

Educadores como Alarcão (2001) e Demo (2004), defendem que o discurso da crise e da inadequação da escola, remonta ao século XIX e reforçam a idéia de que a escola sempre estará sendo questionada pela sociedade.

Diante desse pensamento é importante entender que para mudar a escola é preciso, ainda conforme Alarcão (p.19), *“mudar a sua organização e a forma como ela é pensada e gerida, assumindo-a como um organismo vivo, capaz de aprender a construir conhecimento sobre si própria”*.

Gadotti (2000, p.13) afirma que é o momento em que escola e o professor devem rever suas funções: *“(...) a escola mais que lecionadora, deve ser gestora do conhecimento e o professor mais que um transmissor do conhecimento, deve ser um animador, um amigo do conhecimento”*.

O discurso dos professores vem ao encontro do que dizem alguns autores, entre os quais cita-se Alarcão, pois esses revelam que a escola, parece não acompanhar com a mesma rapidez essas mudanças e vai transformando-se em espaços ultrapassados, sem atrativos e muitas vezes, de pouca finalidade:

*(...) não obstante as transformações que nela vão sendo introduzidas, a escola não convence nem atrai. É coisa do passado, sem rasgos do futuro. Ainda fortemente marcada pela disciplinidade, dificilmente prepara para viver a complexidade do mundo atual(ALARCÃO, 2001, p.18).*

De forma até um pouco hilária, uma professora expressou o que se analisou acima: *“ vejo que nós, professores, não damos conta do recado. Como é que o meu jogo do stop, bingo ou caixinha de música vai poder concorrer com o fascinante mundo da Internet? É mesma coisa que dizer que andar de Fusca é igual a andar BMW! Até sei que ambos podem levar ao mesmo lugar, mas quem vai querer ir de Fusca se existir a chance de ir de BMW?”*

Não há dúvidas que essa é uma fala interessante, impregnada de verdades, através da qual, com um linguajar cômico, o professor delineia a situação da escola, com suas funções desacreditadas perante a sociedade, tornando inevitável o conflito.

## 5.2 AS FUNÇÕES DA ESCOLA

Questionados sobre quais seriam as funções da escola para atender a sociedade atual, a fala dos professores é ampla, mas coincide quanto à formação do caráter, a preparação para a cidadania e o resgate de valores: “ *a escola precisa preparar para a vida*”, “ *possibilitar ao aluno viver com dignidade*”, “ *é muito importante que a escola resgate os valores perdidos*”,...

Libâneo explica que a sociedade aspira por uma escola capaz de garantir a todos uma formação integral:

(...) formação cultural e científica para vida pessoal, profissional e cidadã, propiciando o estabelecimento de uma relação de autonomia, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações, vislumbrando a formação de cidadãos que tenham participação em todas as esferas da vida social” (2003 p.7).

No momento em que a educação passa a ser vista como condição de eficiência econômica, os questionamentos sobre as finalidades da escola tornam-se comuns nos discursos dos estudiosos, e convergem sempre para a autonomia e a preparação para o exercício da cidadania.

Alarcão, (2001,p.18) chama a atenção ao fato de que a escola não pode apenas preparar para a cidadania, mas precisa transforma-se num espaço de vivência desta cidadania: “ *A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania*”.

A fala entusiástica de Assmann (1998) diz que seria absurdo negar a relevância da educação para a sobrevivência no mundo de hoje. Contudo revela a importância de que o ambiente pedagógico desperte o entusiasmo para que a escola possa ser necessária e o processo de aprendizagem aconteça em todos os sentidos.

Pensando a escola como função pública e retomando-a desde o século XVIII e estendendo-se aos séculos XIX e XX , Roldão disse que a escola constituiu-se:

(...) como uma instituição social própria, especificamente organizada para assegurar de forma sistemática, relativamente eficaz e econômica, um conjunto de aprendizagens que socialmente se tinham como necessárias para um determinado tempo, contexto e setor da população. É pois esse conjunto de aprendizagens necessárias, mutável e socialmente construído – que designamos por currículo – que a sociedade remete à escola para que garanta a sua passagem/apropriação (2001,p. 117).

Continuando sua exposição em relação à função da instituição escolar a autora a conceitua como:

(...) uma instituição curricular, tornando desta forma clara a especificidade da sua função social que se integra –mas não se confunde – em um conjunto mais vasto de finalidades educativas socialmente visadas, para as quais concorrem, mas por vias diversas, instituições tão distintas como a família e a escola ( 2001,p.117).

Nota-se então, que a partir da metade do século XX, a escolarização estava relacionada à perspectiva individual de cada um, não pelo que ensinava, mas pelo que poderia oferecer no futuro, ou seja, a possibilidade de um emprego. Esse, com certeza é um mito que já não existe mais, que foi rompido com a democratização do acesso à escola.

Na verdade, o que vem descaracterizando a escola, de acordo com Vasconcellos (2003), é a falta de um objetivo político, de um projeto, de um sentido assumido socialmente, que ultrapasse os limites de uma política partidária. Enfim, falta de fins explícitos, fato esse que também é percebido pelos professores constituindo-se num dos fatores responsáveis pela crise de identidade, que atinge a escola e o professorado.

Gadotti entende que:

O fim da educação é a formação do indivíduo autônomo. Mas o que é um indivíduo autônomo? E, no plano coletivo, o que é uma sociedade autônoma? Pensa e age autonomamente o indivíduo que não é dominado pelo discurso ou pela vontade do outro. Ora, a escola precisa trabalhar justamente na transmissão- assimilação do discurso do outro- os

conteúdos produção histórica circunstanciada e sempre em mutação, mas fixados num currículo básico, podendo fazê-los de muitas formas. A autonomia conduz diretamente à cidadania. Autônomo é o sujeito ativo da práxis. Se lutamos pela autonomia é que desejamos para todos. Uma sociedade autônoma é uma sociedade autocontrolada, autodirigida, autogestada, onde instituições como a escola promovem e facilitam a autonomia individual (2000, p.57).

A autonomia passa a ser condição para o exercício da cidadania e a formação do indivíduo como um todo, uma exigência da sociedade atual, na qual a tecnologia requer cada vez mais criatividade e cultura geral em detrimento das especializações.

O raciocínio lógico, a compreensão e o pensar tornam-se a base para os currículos escolares, rompendo os paradigmas da escola tradicional, ancorada na transmissão e valorização de conteúdos.

Ainda conforme Gadotti (2000), é comprovado que os alunos que têm contato com as tecnologias contestam as formas tradicionais de aprender, centrada no professor e buscam na informática, nos games, nos celulares, um mundo diferente, que a escola não acompanha.

Diante desse cenário Engers (2008, p.411) chama atenção à necessidade de que *“o professor e a escola precisam acompanhar este ritmo”*, ou seja buscarem nas novas tecnologias, aliados.

Ao analisar o discurso dos professores sobre a escola, Moraes (1997) traduz sua visão de educação, dizendo ser importante considerar que a maioria deles, encara a escola como uma instituição que tem a função de ensinar conteúdos, os quais possam ser úteis para a vida. Contudo, nas entrelinhas sente-se um afastamento da realidade, o que é expresso nas palavras de Burke:

Parece não haver dúvidas: as escolas na sua maioria, estão preparando – e quase sempre mal - os alunos com conhecimentos e habilidades que eles precisavam para viver nos dias de ontem. E o pior de tudo é que os alunos precisariam sair das escolas bem preparados para viver, não no passado, nem mesmo no hoje –que logo se torna passado – mas nos incertos e sempre cambiantes dias de amanhã (2003, p.16).

É uma educação compreendida como sistema fechado, que transmite, mas não transforma, na qual o conhecimento é fragmentado e dissociado da vida, apoiada em décadas, cujo objetivo principal sempre foi a reprodução e a memorização de conhecimentos e informações, apartados de valores, ética e solidariedade. É uma escola que entende que a educação deve vir de casa, sendo então obrigação da família a formação do ser.

Alarcão define esse pensamento como uma incoerência da escola em relação à sociedade e ao momento social em que está inserida:

Assiste-se hoje uma forte inadequação da escola para fazer face às demandas da sociedade. Diante das rápidas convulsões sociais, a escola precisa abandonar os seus modelos mais ou menos estáticos e posicionar-se dinamicamente, aproveitando as sinergias oriundas das interações com a sociedade e com as outras instituições e fomentando interações interpessoais (2001, p.15).

Nesse contexto, Bazzara é enfática e radical ao propor que *“a escola deve ser fechada porque o mundo para o qual nos dirigimos já não existe. Os desafios ficaram velhos, as linguagens, as formas, os conteúdos...”* (2006,p.13), pois entende que o sentido da escola, sua função e sua finalidade são decisivos para situar a educação nos dias atuais. Com um pensamento semelhante, Alarcão (2001, p.13) diz que: *“escola instituição social, pólo do binômio interativo escola-sociedade, irá metamorfosear-se ou permanecerá imutável e estática”*.

Ambas as autoras, concordam que é um momento em que a escola precisa decidir o seu futuro: ou transforma-se ou deixa de existir.

Este fato é muito presente na concepção dos professores, porém é interessante observar que eles parecem não se enxergarem como sendo os agentes dessa transformação, o que fica demonstrado na fala do professor: *“ a escola precisa aceitar que vivemos numa sociedade em rápida transformação e preparar o aluno para viver nela”*.

Quando se expressa a necessidade da escola estar atenta ao fato de que há um novo conceito para aprender e também para ensinar, que colaboram na construção de um novo modelo de homem, no qual os valores éticos, estéticos,

morais, sociais e cristãos (SANCHES, 2005), não sejam apenas conceitos, mas necessidades vitais, fica subentendido que é uma ação que se espera dos professores.

Usando a interpretação de Alarcão (2001), a escola é um prédio, mas não somente um prédio: é um contexto de trabalho, onde o aluno precisa aprender e o professor trabalhar a educação, na multiplicidade de suas funções.

Hoje se faz mister entender que o foco da escola é outro e que sua missão é atender o aprendiz em sua totalidade, pois conforme Morin (apud Bazarra, 2006,p.49), os grandes desafios do ensino contemporâneo e, conseqüentemente da escola *“estão em dar origem a mentes bem ordenadas, mais que bem cheias. Ensinar a riqueza e a fragilidade da condição humana em enfrentar a incerteza. Formar o cidadão do novo milênio”*, através de uma mudança de mentalidade, o que com certeza representará uma quebra de paradigma.

Na mesma direção Kerkhove, que serviu de base para a discussão de Alarcão, ponderou que o homem tem que reconhecer, em meio as mudanças de paradigmas, a sua primitividade na nova cultura global e seu papel de vítima, contudo tem que reverter esse papel por meio de reflexões críticas e ações.

É em uma atitude de julgamento crítico diante desse novo paradigma cultural que nos colocamos: a educação como atividade eminentemente comunitária terá de reformular-se para operar num mundo denso de informação, numa humanidade globalizada, num caldo de multicultural e numa economia sedenta de formas de aprendizagem ao longo de toda a vida (ALARCÃO,2001, p.12).

Para isso, é preciso reinventar a escola e com urgência! E como diz Rodrigues, é preciso *“ trazer para dentro da escola , o que era antigo no espírito educativo da humanidade: fazer da escola não apenas um lugar de qualificação, treinamento, mas de formação”* (1999, p.30), pois assim ela estará recuperando o seu espaço, como espaço social humanizante.

### 5.3 A ESCOLA RESILIENTE

Involuntariamente a fala dos professores remete a necessidade de superação da escola, de transformar-se, de se reinventar, de buscar cumprir sua função social, onde todos parecem acreditar que é possível superar esse momento de crise e resgatar o seu papel de instituição formadora.

Esse discurso de superação faz relacionar resiliência à escola, pois resiliência, palavra desconhecida a grande maioria dos professores, significa apostar na condição de superação frente às dificuldades encontradas.

Conforme o dicionário da Língua Portuguesa “*resiliência*” é a capacidade de se recobrar ou de se readaptar as mudanças. Antunes (2003, p.13) define resiliência “*como a capacidade de um sistema superar o distúrbio imposto por um fenômeno externo e inalterado*”.

Já para Tavares (2002) resiliência é a capacidade de uma pessoa, ou grupo, prevenir, minimizar ou ultrapassar as marcas ou efeitos da diversidade.

O autor pondera que, se o sujeito resiliente tem como características ser flexível, aberto, criativo, livre, capaz de resistir às várias situações sem perder o equilíbrio, tudo o que se pensa para ele é possível para a escola.

A escola precisa desenvolver essas capacidades resilientes para responder aos riscos e desafios da sociedade, aprendendo a viver na incerteza e planejando formas de intervenção na realidade.

Pensar a escola resiliente pressupõe conhecer seu contexto para poder intervir de forma apropriada nela, em busca de objetivos claros e definidos que a fortalecerão.

A capacidade de resiliência está diretamente relacionada à capacidade de pensar a si própria, num resgate de identidade e de aceitação que pressupõem induzir a um processo de mudança.

## 5.4 ESCOLA HUMANIZADORA

Refletindo as funções da escola, não só na percepção dos professores entrevistados, mas principalmente no discurso de renomados educadores (MORIN, O'SULLIVAN, FREIRE, VASCONCELLOS, entre outros) o termo “humanizar” surge como a grande esperança da escola do presente e do futuro, constituindo-se num compromisso da educação, portanto não só da escola, mas de toda a sociedade.

Mas o que é humanizar?

Acompanhando o raciocínio de Vasconcellos (2003), se educar significa um esforço pessoal e coletivo de constituir o homem em sua plenitude, humanizar significaria, torná-lo humano, com sentimento, discernimento, ciente de seu lugar, não só na sociedade, mas principalmente no planeta.

O autor ainda relaciona a humanização a transformação, “... *a perspectiva da humanização está presente a cada instante da vida do indivíduo, na proporção concreta de sua existência, uma vez que o homem se constitui, se transforma, ao transformar*” (2003,p 42).

Já Bazarra entende que a educação não é mais que isso: uma tarefa humanizadora, pois no momento que o professor acredita nas potencialidades de seu aluno ele está demonstrando uma confiança no ser humano.

Humanizar é crer, é confiar no ser humano. É estar disposto, permanentemente, engrandecendo em todos e em cada um de nossos alunos, a globalidade de suas possibilidades, isto é, aumentar neles o potencial de inteligência, de sensibilidade, de solidariedade e de ternura que se esconde em sua humanidade (2006,p.8).

Quando relaciona-se o “acreditar no aluno” com “humanizar”, pode-se dizer que a escola não esta cumprindo ainda essa função “humanizadora”, pois falas como: “*os alunos não querem nada com nada*”, “*o que vamos esperar desses alunos no futuro*” e tantas outras, foram freqüentes no discurso dos professores, demonstrando uma grande controvérsia: “*como professora tenho a função de humanizar*”. Observa-se que falam da

importância da escola humanizar-se e humanizar, mas parece que não acreditam na potencialidade dos alunos.

Pode-se perceber nas entrelinhas desses discursos, que os professores estão evidenciando a falta de valores e atitudes demonstradas pelos alunos que é uma das características da sociedade pós-moderna. Esse comportamento “desinteressado” do aluno agride as concepções do professor.

Manifesta-se aí a crise de valores de toda a sociedade. Mas como a escola poderia reverter esse quadro? Libâneo dá a resposta dizendo que

(...) é preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar valores humanos fundamentais como justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade e da diferença, o respeito à vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convicções democráticas (2003,p.9).

É importante perceber que os comentários dos professores expressam uma negação ao aluno atual (inquieto, dono de si, muitas vezes sem limite, crítico, ...) e um saudosismo pelos antigos alunos ( atentos, quietos, responsáveis, passivos,...): “ *os alunos de agora são diferentes, mais inquietos, é mais difícil trabalhar...*”

Nesse viés cabe a colocação de Bazarra:

Os professores tem de acreditar nos alunos. Nestes e não em outros (aqueles que foram ou aqueles que tiveram...). Alunos do século XXI a quem nos coube educar com seus defeitos e as suas virtudes,... deixando florescer cada vez mais a humanidade de cada um (2006,p.147).

Paulo Freire (apud Bazarra, 2006, p.8) em toda a sua sabedoria,já dizia que a escola e seus professores deveriam se tornar responsáveis pela formação de uma sociedade mais ética, resgatando valores, humanizando: “ *se educar é humanizar – pensei – nós educadores somos responsáveis, na realidade, criadores de humanidade*”!

Então, é claro que o desafio da escola está em ser capaz de transformar conhecimento em sabedoria, mas acima de tudo, alunos em seres humanos.

## 6 O PROFESSOR

Ao buscar compreender quais são as percepções dos professores na transformação da escola, foi necessário que se trouxesse para a análise um viés, situando o contexto educacional e tocando um ponto fundamental que na atualidade tem apresentado fragilidade: o papel atribuído ao professor nos dias atuais.

Mesmo podendo ser alarmante, é comum no discurso de renomados educadores a afirmação de que *a escola de hoje não atende mais a sociedade desse novo tempo*, fato que faz com que os “holofotes” se voltem para o professor.

É nesse cenário que compreender quem são os professores e como se tornaram docentes é fundamental para construir novos paradigmas, romper velhas estruturas e resgatar a função da escola no tempo e no espaço de hoje.

A história da profissão docente lida com muitas mudanças, e nos dias atuais, é delineada a partir da necessidade de redefinir a função educativa como um todo.

Sendo assim, o professor por si só constitui-se a grande categoria deste capítulo, no qual suas interações serão vistas como subcategorias: identidade, função, competências e formação.

### 6.1 OS PROFESSORES E SUA IDENTIDADE

As questões que evidenciam o fracasso da escola e, conseqüentemente, a sua desvalorização frente à sociedade, têm produzido um reflexo imediato na discussão sobre o professor.

Nóvoa (1995, p.10) considera que *“os professores estão presentes em todos os discursos sobre educação. Por uma ou por outra razão, falam-se sempre deles”*, porém, sendo o professor considerado como o *realizador* do processo educativo, esse descontentamento com a sua prática, provoca o que alguns autores chamam de “crise de identidade” (NOVOA, 1995; TARDIF, 2002; entre outros).

Entender como se manifesta a “crise de identidade” perpassa pela necessidade de se estabelecer como se constitui, primeiramente a identidade.

### 6.1.1 Identidade e Crise de Identidade

A identidade faz parte do processo de identificação dos indivíduos.

Considerando o contexto atual de uma sociedade em profundas transformações (sociedade pós-moderna ou modernidade tardia), os indivíduos perderam suas referências e também a clareza e a objetividade do próprio termo “*identidade*”. Neste sentido, Hall (2003) afirma que as concepções de identidade estão diretamente relacionadas às características da sociedade.

Nessa mesma linha de pensamento, para Giddens (2003), o indivíduo da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural, pois a própria sociedade tinha seus conceitos e valores bem claros, o que dava segurança e referência, garantindo assim, uma identidade e o sentimento de pertencer. Com a desestruturação da sociedade (característica da pós-modernidade) o indivíduo perdeu suas referências e vive em contradições, abalando suas idéias de sujeito integrado, o que leva a crise de identidade.

Apesar de não se deter especificamente na “*crise de identidade*”, Giddens (2003) entende que a perda de referências torna o sujeito mais fragilizado, obrigando-o a tomar atitudes baseado em suas próprias concepções, o que o deixa inseguro. Já Hall (2003, p.18) conceitua a “*crise de identidade*” *como uma descentração das pessoas, tanto do seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmas*”.

As colocações de Hall ficam confirmadas nos discursos dos professores. Perguntados sobre: “*Qual a sua função como professor?*”. As respostas evidenciam uma perda de referências, demonstrando que o professor não tem a convicção de quem ele é ou qual é a sua função, tanto pessoal como profissional no tempo de hoje. Mesmo com respostas didaticamente corretas, nas entrelinhas das falas, nos

momentos de silêncio que antecedem respostas angustiantes é possível verificar essa realidade.

É importante ressaltar que as concepções do professor sobre sua identidade, não se manifestam na resposta de uma pergunta apenas, mas no conjunto de todos os questionamentos que o mesmo responde, principalmente nas falas “ocultas” e nas inter-relações entre todas as suas respostas.

### 6.1.2 Identidade Profissional

Para falar na identidade do professor é preciso, primeiramente entendê-lo como um ser único, não sendo possível separar o professor pessoa do profissional. Esta indissociabilidade é uma percepção que a maioria dos docentes não tem, pois durante as entrevistas, houve quem perguntasse *em off*, ingenuamente, “ *a resposta que tu queres é o que eu, fulana, penso ou o que eu, professora, penso?*”

Buscando explicar a interação entre a pessoa e o profissional, Nóvoa (1995, p. 31) coloca que “ *ser professor obriga a opções constantes que cruzam nossa maneira de ser com nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser*”.

Para se definir o que é ser professor dos dias atuais, requer primeiramente entender que há limitações no processo educativo da escola e conseqüentemente limites impostos ao professor. Ciente desse fato, pode-se dizer que ser professor nos dias atuais exige a retomada da docência, de modo a contribuir para a formação de indivíduos capazes de buscarem alternativas para os desafios cotidianos. Implica em estabelecer relações transdisciplinares com vários tipos de conhecimentos e também comprometimento com a escola e com seu projeto.

É importante considerar que o ser professor acontece, conforme Grillo “ *num encontro com a individualidade de cada aluno*” ( 2006, p.79), numa interação, e não só com aluno, mas em todas as relações, sejam elas profissionais ou não.

São nesses processos de interação com todo o contexto do professor que a identidade vai sendo construída, a partir da relevância que cada um dá a sua própria atividade docente:

A identidade profissional não pode ser entendida como algo que se adquire no momento em que se inicia uma atividade de trabalho, mas como um longo processo de experiências vividas, de encontro com os outros e de reflexão sobre a própria prática (MARCHESI, 2008, p.120).

No entender de Tardiff (2006, p.229) *“a tomada de consciência em relação aos diferentes elementos que fundamentam a profissão e sua integração na situação de trabalho leva à construção gradual de uma identidade profissional”*.

Vasconcellos (2003, p.57) explana de maneira interessante, que outro fator que constitui a identidade do professor é a sua relação com os conteúdos *“ a identidade docente vai se constituindo em torno disso: cada um de nós não é professor em geral, mas pelo contrário, professor de”*.

Com esse olhar, à medida que a escola/sociedade vai exigindo outras habilidades do professor, que não seja sua competência em determinada disciplina, ele vai se sentindo incomodado e desestabilizado, considerando que a identidade profissional também está relacionada com a relação social percebida (MARCHESI, 2008).

Essa perspectiva fica expressa na fala dos professores, evidenciando conflitos:

*antigamente para ser professor bastava somente saber um conteúdo específico. Hoje, além do conteúdo específico, é preciso entender todo o contexto social. O ser professor exige estar constantemente se transformando, sem saber ao certo a onde ir. Muitas vezes para ser professora preciso deixar de lado meus conceitos pessoais. Mesmo assim continuo a não contentar ninguém!*

O discurso revela a perda de referências, em que o choque entre o “eu” e o “ser professor” desencadeia a crise (NOVOA, 1995), que não é só de identidade, mas também de existência e de *“ afirmação no meio em que está inserido”* (FERREIRA, 2007, p.40).

São essas características que levam ao enfraquecimento com os vínculos da profissão, causando dificuldades e insatisfação que vão sendo acumuladas ao longo dos anos.

Nóvoa (1995) pondera ainda sobre a “autonomia da identidade”, pois se essa corresponde à maneira de ser e estar numa profissão, sendo construída ao longo da vida e do exercício profissional, por conseguinte está sujeita a essa questão.

Ao se falar na importância da autonomia como necessária a constituição da identidade profissional é importante entender que autonomia, conforme dicionários da Língua Portuguesa, é a “ capacidade do indivíduo resolver seus próprios problemas”, significando para o professor, comprometimento e liberdade na execução de sua tarefa pedagógica.

Conforme o pensamento de Giddens (2003), a ruptura com o tradicional (referências), ao mesmo tempo em que promove a autonomia, possibilitando aos sujeitos se posicionarem desestabiliza, ao retirar a sensação de firmeza das coisas.

Pode-se entender a necessidade dessa “sensação de firmeza”, citada por Giddens, como o apego dos docentes a manuais ou livros didáticos, que retiram de si as ações aplicadas, conforme a fala do professor: *“ a escola e o professor vivem numa corda bamba, nem mais os livros didáticos nos mostram o caminho com certeza e segurança!”*

É mister que os professores entendam que *“não há um modelo de educação que seja aceito ampla e plenamente, o que significa dizer que qualquer que seja a sua opção metodológica, o professor estará sujeito à críticas”* (VASCONCELLOS, 2003, p.19) e responderá pelas suas escolhas.

Na opinião de Perrenoud (2002, p.12) os professores precisam *“ assumir riscos e deixar de usar como proteção o sistema, os programas e os textos”*, fazendo o que ele chama de *“agir na urgência, decidindo na incerteza”* (2001, p.6), porém com competência. *“ precisamos agir com competência, no sentido de que muitas coisas são pedidas e devem ser congregadas em favor de uma realização”*.

Já Contreras entende essa insegurança como falta de autonomia, pois para ele:

Autonomia é ao mesmo tempo uma reivindicação da dignidade humana das condições trabalhistas dos professores e uma reivindicação de oportunidade para que a prática do ensino se possa desenvolver de acordo com determinados valores educacionais ... que atuem como orientadores da prática”(2002,p.195).

Para esse autor, autonomia é algo mais complexo, que pressupõe toda uma constituição pessoal e profissional em consonância com a realidade em que o professor está inserido, resultando na segurança do seu “fazer” profissional.

É interessante elucidar, que Contreras (2002) relaciona tipos de professores com a forma como eles entendem e exercem sua autonomia.

Retornando a questão autonomia docente, para Nóvoa (1995) o processo identitário passa pela capacidade do professor exercer com autonomia sua atividade, ou seja, do sentimento de competência profissional.

Esse sentimento de realização é praticamente inexistente no discurso dos professores. A maioria sabe o que eram e o que devem ser, mas poucos conseguiram exprimir com segurança qual a sua função dentro da escola nos dias atuais e como desempenhá-la. Eles evidenciaram frustração pelo que estão sendo: *“preparo as aulas com carinho e chega na hora os alunos não dão à mínima ... me sinto decepcionada, insatisfeita. As vezes penso que não sei mais como lecionar”*.

Os professores sentem na “pele” a desvalorização, vinda, não só do aluno e da família, mas principalmente da sociedade e do próprio sistema educativo, o que é traduzido no pensamento de Ferreira (2007): *“O professor perde sua identidade, no momento em que toda a sociedade exige que ele assuma o seu papel de educador”*.

Por outro lado, Vasconcellos ( 2003 p.15) considera saudável o professor ter um pouco de “angústia”. Segundo ele *“pode-se afirmar que no tempo atual, um professor que não tenha um nível razoável de angústia em relação à sua atividade, que não se sinta desacomodado, com incerteza, não é um professor do tempo atual”*.

Essa angústia, pode ser considerada como um estímulo à formação, porém cabe ressaltar que a construção de uma nova identidade profissional não acontece somente em cursos de formação, embora eles sejam fundamentais para legitimar a o papel docente.

## 6.2 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Quando se relaciona a perda de identidade a desmotivação do professor também como reflexo do seu despreparo para atuar numa sociedade com características diferentes daquela para qual ele foi preparado, se defronta com a questão da “formação”, que passa a ser vista como “salvação”!

Conforme Nóvoa (1995,p.26) “ *a formação de professores é provavelmente a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo*”, pois o perfil do professor desejável é relacionado a sua formação.

No Brasil, os anos 90, marcaram o debate sobre a importância da formação, entendendo que é através dela que o professor poderá se tornar um profissional crítico-reflexivo de sua prática pedagógica. A partir daí a formação tem sido considerada com o objetivo de estabelecer um perfil de profissional que transforme o contexto atual da escola, que vem sendo fragilizado pelo fracasso do ensino, demonstrado pelos índices de avaliação nacional e internacional.

A esse respeito Pimenta (1997,p.23) diz que “*a importância que a qualificação profissional dos professores adquiriu nos últimos anos, no sentido de melhoria da qualidade do ensino, tem aprovado a re-significação da didática*”, pois se entende que através da formação continuada o professor estará revisitando, constantemente, sua prática docente (sua maneira de “dar aulas”) adequando-a ao tempo e espaço atual.

Corroborando com essa idéia Engers (2008, p.411), coloca a “formação” como um desafio aos professores, “*é preciso aprender a fazer bem, adquirir competências novas, compatíveis com os novos tempos e espaços e produzir com*

*qualidade*”, complementa ainda dizendo que o professor precisa estar atualizado para enfrentar o seu cotidiano escolar: “ *a educação está inserida num contexto histórico-social no qual o professor deve estar preparado cultural, cognitiva e afetivamente para os desafios da realidade*” (1996, p.8).

Advogando sobre a formação, no contexto português, Novoa explica que:

A formação é um ciclo que abrange experiência docente como aluno (educação de base), como aluno mestre (graduação), como estagiário (práticas de supervisão), como iniciante (primeiros anos da profissão) e como titular (formação continuada) (2001, p.35-37).

Transpondo para a realidade pesquisada, pode-se dizer, e de acordo com o autor, que a formação é um processo que acontece durante toda a vida profissional. Dividindo-se em formação inicial (estudos que preparam para a docência) e formação continuada ( estudos que mantêm o professor atualizado ao longo da vida profissional). É um ciclo que vai desde o ingresso de cada professor na escola, enquanto aluno, até o final de sua trajetória profissional.

Entendendo esse contexto, é importante inserir a formação, tanto inicial como continuada, em uma estratégia de profissionalização do ofício de professor (PERRENOUD, 2002, TARDIF, 2002), ou seja é a formação que garantirá a capacitação para ser professor.

Isaía exalta a importância dos professores entenderem que a formação,

(...) é um processo amplo que engloba tanto a dimensão pessoal quanto a profissional dos professores, entendidos como seres unitários entretecidos pelo percurso pessoal (ciclo vital) e tanto profissional (diversos caminhos construídos ao longo da profissão) (2007,p154).

A autora ainda explica que o percurso docente é um processo complexo, com “*momentos de crise, recuos, avanços, descontinuidade e relativa estabilidade*” (p.155), que decorrem tanto da vida profissional como pessoal.

Até pouco tempo atrás, para ser professor bastava a formação inicial (magistério ou curso de graduação) e o indivíduo tinha garantido, com

respeitabilidade, a sua competência para o exercício da profissão até o final de sua carreira.

Com o advento da pós-modernidade, tem-se a desestruturação da sociedade e a difusão rápida do conhecimento. Conseqüentemente, veio a desvalorização da escola e do professor e a formação passou a ser encarada como forma de reafirmação da dignidade profissional e de credibilidade da docência, na busca de uma nova construção de identidade.

Como resposta a essas exigências, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, trouxe na sua pauta a necessidade de reconstrução do perfil do professor, através da qualificação. Essa, vista como pré-requisito de melhora do desempenho da atividade profissional, pois é sabido que a “formação” deve dar conta das questões que envolvem a atividade docente.

A criação de mecanismos que contribuam para a adesão dos professores aos processos de formação continuada é fundamental, pois amplia seus impactos sobre o ensino e sua atuação na sala de aula. É fato, que é através dela que o professor poderá acompanhar as transformações tecnológicas e científicas, características do mundo globalizado.

Os discursos dos professores refletem essa consciência, porém justificam sua não participação, por ela ser imposta pelo sistema (Lei) e, muitas vezes, acharem que ela é insignificante e não atender aos seus anseios. Um deles disse: *“sei que para ser professor nos dias atuais, preciso me atualizar, mas me recuso aceitar a imposição da formação”* ou *“muitas vezes participo de cursos de formação, mas não acho utilidade neles”*.

Também há um pragmatismo na relação dos professores com a formação continuada, estando explícito na sua forma de pensar que eles gostariam de uma valorização financeira para participarem de tais atividades, como estímulo pela busca da qualidade que se refletirá (pelos menos deverá!) na aprendizagem do aluno.

Entendendo essa postura dos professores que fazem uma crítica à forma como a formação continuada é encarada pelo sistema, Arroyo coloca que:

Não é ingênuo pensar que as atribuições listadas em que cada nova lei, nova política, novo parecer, possam por um passe de mágica, alterar o histórico ofício de mestre que os professores repetem? É curioso com que facilidade cada lei ou parecer lista novas atribuições com a pretensão de formar um novo perfil, mais moderno e atualizado de educador. O grave não é apenas essa ingênua pretensão. O grave é confundir a função histórica de educador com detalhes, como capacidades de elaborar o projeto da escola, por exemplo, ou com aprender as técnicas de condução de uma reunião com as famílias, ou aprender novos critérios de enturmação, de avaliação, de aceleração. É grave porque distraídas as leis e os pareceres, com detalhes, os currículos, as pesquisas e as políticas de formação não chegam, no cerne do ofício de mestres, do papel social do educador, do que é a qualidade constitutiva, do que é historicamente identitário do pensar e agir educativos. É isso que deve ser formado e qualificado. Outra concepção e outra prática de formação (2000,p.145).

Por outro lado nota-se que o conformismo e a lei do menor esforço minam a vontade de muitos professores que, quando têm oportunidades reais de crescimento, se acomodam, continuando na mesmice:

Constata-se, entretanto que os professores estagnaram-se dos seus referenciais absolutos e têm dificuldade de encontrar caminhos que os levem a alcançar o desafio da modernidade. Uns, por não possuírem uma postura acadêmica científico-produtiva; outros, por estarem acomodados à reprodução de conteúdos cristalizados (ENGER, 2000, p. 18).

Diante desta situação Nóvoa (2001) corrobora com o pensamento, com qual outros educadores concordam, de que o desafio está em fazer com que os professores busquem a formação continuada, como forma de manterem-se atualizados sobre as novas metodologias de ensino e desenvolvimento de práticas pedagógicas eficientes.

Nesse cenário, se delinea a importância da “unidade”. Nóvoa chama atenção para o fato de que “ *a busca isolada pela atualização é difícil e, por isso, é aconselhável um vínculo com uma instituição. Mas o mais importante é entender que o local de trabalho é o espaço ideal para a formação continuada*” (2001,p.35-37), ou seja, é preciso considerar o próprio ambiente – a escola –também como local de formação. Entendendo que professor modifica suas ações e cresce

profissionalmente na discussão de sua própria prática e na de seus pares, através de espaços que possibilitem o encontro e a reflexão.

Essa reflexão sobre a prática como meio de formação é pensamento de vários educadores (SHÖN, 2000; NÓVOA, 1995; TARDIF, 2002), que entendem que esse processo permite aos professores construir e reconstruir seus saberes, através da reelaboração dos saberes adquiridos na formação inicial, pela prática.

É uma postura em que o professor é visto

(...) como um ator que assume a prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber fazer proveniente de sua própria atividade, os quais orientam a sua ação (TARDIF, 2002, p.230).

É importante considerar, a colocação de Perrenoud (2002) de que a autonomia e responsabilidade do professor dependem de sua capacidade de refletir “em e sobre sua prática” (p.13), num processo de formação que também está diretamente relacionado a consciência sobre sua função docente, suas competências e saberes.

### **6.3 A FUNÇÃO DO PROFESSOR**

Conforme Bazarra (2006, p. 19), “falar de professores é falar de profissionais que são uma referência para a sociedade”, nesse raciocínio entender a função do professor para a sociedade, decorre em conhecer como se constitui a profissão, a sua profissionalidade.

#### **6.3.1 A profissionalidade**

De acordo com Nóvoa (1995), a função docente originou-se de forma subsidiária e não especializada, sendo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens, que tinham algum conhecimento.

A gênese da profissão de professor desenvolveu-se em congregações religiosas, que se tornaram verdadeiras congregações docentes. Mais tarde passou a ser a ocupação principal de um grupo de indivíduos que se dedicavam à docência.

A partir do século XVIII, para exercer docência era necessária uma licença ou autorização, que comprovava a capacidade do indivíduo e o seu comprometimento. Fato esse que veio a profissionalizar a atividade docente.

Ao longo dos anos os professores passaram a ser funcionários de um tipo particular de ação, impregnada de intencionalidade política, devido aos projetos e às finalidades sociais das quais são portadores, sendo, portanto, agentes culturais e políticos, em uma sociedade específica.

No início do século XX, quando a escola teve seu ápice, sendo considerada como meio de ascensão social, o professorado viveu o período de *“ouro da profissão docente”* (NÓVOA, 1995), principalmente em termos de valorização social.

Porém, ainda conforme Nóvoa (1995), nos últimos tempos vem acontecendo a desvalorização do professor, uma depreciação da profissão docente, que vem acompanhada por um sentimento generalizado de desconfiança em relação às competências e a qualidade do trabalho dos professores, exaltadas pelo fracasso escolar.

É esse cenário que se tem colocado o professor no pólo de discussões sobre a educação e da necessidade de rever sua profissionalidade, que está diretamente relacionada à sua prática.

Sacristán (1995, p.65) observa que não é fácil definir a profissionalidade do professor, pois ela está constantemente sendo (re)elaborada em relação ao momento histórico e social em que vive, numa contextualização: *“profissionalidade é a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor”*.

Com esse pensamento pode-se relacionar a profissionalidade com a percepção que cada professor tem sobre a sua função como docente.

### 6.3.2 Função e papel do professor

Considerando a complexidade do contexto escolar e de se esperar igual complexidade no papel atribuído aos professores.

Ao se deportar para o universo das entrevistas realizadas e também embasado nas experiências no pesquisador, sempre que se pergunta a um professor “*qual a sua função*”, basicamente a resposta é rápida e segura: “*ensinar*”, ficando nítida a relação entre o ser professor e o ensinar.

Não há como negar que “ensinar” corresponde a uma visão “bancária” do papel do professor, pressupondo a “velha” combinação: conteúdos, objetivos e comportamentos esperados.

Observa-se que esse “ensinar” vai sendo diluído em outras respostas que se misturam com as funções da escola: “*preparar para a vida*” e “*formar cidadãos*”. Porém quando o professor é questionado de qual é o seu papel na escola, o silêncio que antecede a resposta, já é um indicativo de incerteza, pois se percebe que, apesar da resposta provável ser “*dar aulas*” ( e foi essa a resposta de alguns professores!), eles próprios já entendem que só isso não basta.

Considerando o contexto atual da escola frente aos anseios da sociedade, “*o professor encontra-se num processo de redefinição e diversificação das suas funções, sendo chamado a desempenhar um conjunto alargado de papéis, numa dinâmica de (re)invenção da profissão professor*” (NÓVOA, 1995,p.36).

Que papéis são esses?

A fala dos professores como *“mediar à aprendizagem”, “humanizar o processo de aprendizagem dos alunos”, “comprometimento com a escola”, “atender o processo de transformações”,* entre outros, demonstra toda uma confusão, que pode ser entendida como falta de identidade, mas principalmente como incapacidade de situar-se dentro do contexto escolar e social.

Pode-se relacionar a idéias de função do professor, ao que Marchesi (2008) chama de responsabilidade profissional do professor:

O docente deve ter uma responsabilidade pública uma vez que deve transmitir certos conhecimentos e uma forma de vida que contribuam para o bem estar de seus alunos na sociedade em que estão imersos e para que sejam capazes, depois, de melhorar essa mesma sociedade. ( Victória Champs apud Marchesi, 2008, p.146)

Alguns autores (NOVOA, 1995; ESTEVE, 1995; ENGERS 2005, entre outros), concordam que atualmente, além de conhecimentos básicos, exige-se que o professor assuma um número cada vez maior de responsabilidades, que ultrapassam o domínio cognitivo (ensinar) que ele se dizia responsável: facilitador de aprendizagens, pedagogo, organizador do trabalho em grupo, do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da educação sexual, entre outras atividades.

Esteve (1995,p.100), salienta que *“ apesar de se exigir que os professores cumpram todas essas novas tarefas, é interessante observar que não houve mudanças significativas na formação dos professores”,* o que de certa forma justifica a confusão dos professores quanto a sua função, constituindo-se assim a certeza de que nessas circunstâncias, um dos aspectos mais importantes na formação continuada dos professores é desenvolver competências que lhe permitam enfrentar situações novas e conflituosas.

#### **6.4 AS COMPETÊNCIAS DOS PROFESSORES**

Nos últimos anos a palavra “competência” tem estado em pauta nos textos sobre educação. Conforme Marchesi, é um termo antigo que ganhou novo vigor:

O conceito de competência profissional, surgiu inicialmente para caracterizar e definir em que consiste a atividade de cada uma das profissões e para definir os aprendizados necessários à inserção no mercado de trabalho. as competências são estabelecidas a partir da análise de tarefas e possuem um claro componente de eficácia e desempenho dos indivíduos frente a elas (2008, p.25).

O termo competência foi oficialmente apresentado ao cenário educativo brasileiro pela LDB de 1996, ganhando o status de “novo paradigma educacional” e estando relacionada tanto à formação de professores quanto à estrutura dos currículos.

Passados mais de dez anos dessa apresentação, se sente na fala de alguns professores que ainda não houve a compreensão do seu significado ou da importância da sua utilização: “ *competências da escola, competências do professores, competências que o aluno deve atingir, PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) indicam competências, competências ... Às vezes me pergunto: para quê?*”

Perrenoud (2001, p14) responde a essa pergunta: “ *as competências permitem-nos enfrentar a complexidade do mundo e nossas próprias contradições*”, definindo competência como a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação, ou seja a mobilização dos conhecimentos adequados para eficiência da prática .

Para o autor, os professores precisam de novas competências para atuar, de maneira que os objetivos da Educação sejam alcançados no século XXI, considerando todo um universo de mudanças que cerca a vida do professor.

Complementando a idéia de Perrenoud, para Marchesi as competências profissionais dos professores “*devem se referir ao conjunto de saberes (capacidades, conhecimentos, experiências, linguagens, etc) que lhes permitam cumprir de maneira satisfatória os requisitos estabelecidos pela sua profissão*” (2008, p.29).

Engers, ao analisar a prática de alguns profissionais nessa sociedade em transformação, corrobora com a idéia dizendo:

(...) os professores fazem um trabalho interessante, desenvolvem teorias sem autorias, apresentam competências importantes para o andamento do ensino, mas ainda não adquiriram todas as competências essenciais para serem desempenhadas junto aos alunos na escola deste novo milênio (2006,p.548)

Tendo em vista a complexidade das competências, Tardiff (2002 ) entende que elas estão englobadas no saber. Idéia contrária a Perrenoud (2001). Porém ambos autores concordam que ao se abordar as competências do professor, se está também falando sobre saberes profissionais, definidos por Tardiff (2002,p.256) *“como saberes trabalhados, saberes laborados, incorporados no processo de trabalho docente, que só tem sentido em relação às situações de trabalho”*.

Estabelecendo uma relação entre as competências e os saberes, Perrenoud (1993,p.25), explica que de maneira geral, *“ o ser professor caracteriza-se pela justaposição de uma competência acadêmica (domínio de saberes) e de uma competência pedagógica (dominar a transposição de saberes)”*, contudo o próprio autor enfatiza que é muito mais que isso.

O discurso dos professores revela a dificuldade de entenderem essas relações e aceitarem o fato de que a competência pedagógica pode ser construída e ou reformulada através da formação continuada.

Entrando nesta discussão, Nóvoa também faz suas colocações:

A relação dos professores ao saber constitui um dos capítulos da história da profissão docente: os professores são portadores de um saber próprio ou são apenas transmissores de um saber alheio? O saber dos professores é fundamentalmente científico ou técnico?” (1995,p.27).

A esse respeito os próprios professores têm entendimentos variados e muitas vezes contrários: *“ para ser professor precisa ter magistério”, “ tudo o que sei, aprendi na prática”, “a minha experiência é que me faz uma boa profissional..”*

Atualmente rol de competências e similares é fato comum: Competências para o Século XXI (MORIN,2001), Competências do Professor (PERRENOUD,2000) e outros. Dentro das escolas circulam referencias, parâmetros, listas e planos. Tudo

com o objetivo de estabelecer as competências ideais para a eficácia de uma ação/indivíduo

Nesse raciocínio, buscou-se conhecer que competências o professor estabelece como necessárias a sua prática. Analisando as respostas é interessante observar que, embora os depoimentos expressem contradição entre suas concepções, as competências elencadas são comuns a grande maioria: *comprometimento, sensibilidade, responsabilidade, interesse em aprender, envolvimento, diálogo, paciência,...*

A relação dessas competências demonstra que muitos professores, conscientemente ou não, não estão tão alienados do momento atual e do seu papel como deixam parecer, embora a maioria não as coloque em prática, conforme as palavras de uma professora:

*antigamente diria que para ser professor seria preciso apenas conhecer muito bem minha matéria e saber como transmiti-la aos alunos. Hoje preciso transcender a esses conceitos. Preciso ser crítica, pesquisadora, atualizada, responsável, capaz de reconhecer erros, mediadora.*

Engers, também relaciona a importância de algumas das competências citadas pelos professores, justificando-as:

Para dar conta do seu papel nessa nova cultura de aprendizagem, o professor articulador, orientador do processo, precisa desenvolver competências como: flexibilidade na direção de envolvimento com os interesses e a cultura de seus alunos para planejar seu ensino; sensibilidade para captar o estágio de conhecimento de sua turma, partindo dos seus conhecimentos prévios, desafiando os estudantes para que construam os seus saberes; vínculos afetivos com os componentes do grupo, de modo a propiciar um ambiente prazeroso e favorável à criatividade da equipe de trabalho (2007,p.27).

Nota-se assim que não há como pensar em transformações educacionais sem pensar também em que competências são necessárias para sua concretização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crença na educação e no seu poder de transformação social, para que se possa alcançar um mundo mais justo, humano e possível motivou a realização dessa investigação.

Ao se propor conhecer a percepção dos professores como possíveis transformadores da escola, estabelecendo uma direção que possibilitasse compreender o que eles pensam, pareceu, num primeiro momento uma tarefa simples. Ledo engano. Com o desenrolar da pesquisa, analisando-se o posicionamento dos participantes do estudo, encontrou-se um “*mar desconhecido e turbulento*”. Então, foi possível reconhecer a dimensão do que é trabalhar com seres humanos, impregnados de cultura e identidades diferentes, que carregam, porque não dizer, o peso da responsabilidade de ser professor.

Os posicionamentos diferenciados às vezes, vão “*fugindo do controle*”, levando o pesquisador a enfrentar concepções, que muitas vezes, chocam ou agridem as suas próprias concepções, mas, sem dúvida, fazem parte do contexto de quem analisa dados qualitativos. Esse fato justifica as palavras de Morin quando diz : “*afirmo que não redigi essas páginas na suave brisa de carvalhos do castelo encantado, mas de dentro do embate cotidiano, que é, sem dúvida prazeroso, contundo também muito angustiante*” (1997,p.9).

As relações de tempo (passado, presente e futuro) se entrelaçam e confundem, por isso estão constantemente sendo debatidas, num trabalho desta natureza. Imbernón, citando poeticamente Debray (1969), explica que: “*Nunca*

*somos completamente contemporâneos de nosso presente. A história avança mascarada: entra em cena com a máscara da cena precedente e já não reconhecemos nada da obra” ( 2000,p.18).*

O passado, principalmente, é muito importante, pois é a partir dele que se estabelece as relações com o presente e as propostas para o futuro, numa atitude de reflexão.

(...) quando se busca alternativas para o futuro, não há outra saída a não ser relembrar o passado que, embora seja objeto de interpretação pessoal, em parte podemos afirmar que é um fato constatável, sobretudo nos aspectos que continuam vigentes e que se podem recuperar, modificar ou refutar (IMBERNÓN, 2000, prelo).

É interessante ressaltar, que num primeiro momento as entrevistas foram direcionadas para o professor, como o elemento propulsor no contexto escolar que demonstrou estar, de certo modo alheio a importância de seu papel transformador. Embora o foco principal estivesse direcionado para o mestre, nesse cenário a escola também se sobressaiu, num ir e vir de responsabilidades e relações, muitas vezes sendo impossível separar professor e escola.

Conclui-se que há um duelo camuflado entre escola e professor, sobre “*de quem é a responsabilidade*”. É fato que o professor tem se mantido à margem do processo educativo como um todo, considerando-se responsável apenas pela transmissão do conteúdo, esperando que a escola resolva os problemas e que a família eduque para a vida. Já a escola (instituição) culpa os professores (a prática adotada por eles) pelos problemas que decorrem dessa postura, porque não dizer de alienação e muitas vezes, descaso.

É obvio que essa postura do professor é conseqüência de toda uma trajetória envolvendo não só o professorado, mas também a sociedade e os governos. Relações essas que se traduzem, na maioria das vezes, em desvalorização e fracasso, constituindo-se num ciclo de “culpas” e “desculpas”.

Embora seja triste, considerando todo um cenário social que clama por mudanças na área educacional, as palavras de Arroyo ainda esboçam o retrato atual de muitos professores:

Às vezes diante da figura do professor(a) sinto-me como se estivesse diante de um velho e apagado retrato de família. Com o tempo perderam-se cores e apagaram-se detalhes e traços. A imagem ficou desfigurada, perdeu a viveza, o interesse. Mais um retrato a guardar na gaveta de nossos sonhos perdidos, para revê-lo em tempos de saudade (2000, p. 13).

Nesse contexto, para se falar em educação é preciso considerar o homem, como um ser histórico, que muda suas percepções, atitudes e ações no tempo, estando diretamente ligado aos acontecimentos da sociedade. Já na sociedade, as concepções (idéias, valores, cultura e a própria educação), vão sendo alteradas à medida que os conceitos que a rodeiam se transformam. Estabelece-se, pois uma transformação de mão dupla.

Ao relacionar educação e sociedade atual, Marchesi coloca com propriedade que

(...) as tensões que atualmente vive o sistema educacional são expressão das transformações sociais e das novas exigências que se apresentam para a formação das novas gerações. O acesso à informação e ao conhecimento, as mudanças da família e dos próprios alunos, as modificações do mercado de trabalho, os valores sociais emergentes, a rapidez das mudanças são algumas das características da sociedade do século XXI (2008, p.7).

Não há dúvida de que todas essas transformações citadas exigem um novo perfil de homem e conseqüentemente de escola/professor.

A constatação de que esse novo século é regido pelas incertezas resulta numa desorientação coletiva, que se reflete em todos os campos, em especial no educacional, que é visto como fonte de desenvolvimento humano, cultural, social e econômico.

Sacristán (2000) argumenta que essa insatisfação pode ser um sentimento produtivo, que estimula a ruptura de paradigmas, a busca pelo aperfeiçoamento e a criação, “ *transcendendo a distância entre o que real e o que é ideal*” (p.39).

É certa também a afirmação de que nos últimos anos a escola não tem dado conta do “recado”, ficando a sensação de inadequação e impotência que se reflete diretamente no professor ( e todas as suas relações: carreira, formação, atitudes, valores,...).

Nóvoa (1999) explica que o professor vive momentos paradoxais: nele é depositado parte da responsabilidade (ou toda!) pela consolidação de novos paradigmas científicos, éticos e culturais, por outro lado a ele é destinado um lugar de desvalorização na sociedade. O autor ainda salienta que isso ocorre no questionamento das funções da própria escola.

O ser professor redundava na necessidade de estabelecer a concepção do que seja educar no dias atuais, de modo a contribuir para a formação de seres humanos. Significa também estar comprometido com a constante (re)construção da escola.

É importante considerar, que o professor também é um ser humano e portanto, imbricado em suas relações pessoais e profissionais, na maioria das vezes, complexas para ele próprio, que se traduzem em crise de identidade, em desvalorização social e pessoal.

Sobre essa questão, a “humanidade” do professor, Nóvoa diz que *“os professores não são anjos nem demônios. São apenas pessoas ( e já não é pouco!). Mas pessoas que trabalham para o crescimento e formação de outras pessoas. O que é muito* (1999, p.20).

Paralelo a esse cenário, a sociedade parece conscientizar-se da necessidade do professor, pois nunca foi tão importante sua presença, não só preparando os alunos para viverem na sociedade atual, mas principalmente “preparando gerações futuras”:

Pela primeira vez na história, a sociedade não pede aos educadores que preparem as novas gerações para responder às necessidades atuais, mas para fazer frente às exigências de uma sociedade futura, que ainda não existe” (FAURE APUD ESTEVE, 1995, p.103).

Com certeza essa é uma idéia que desestabiliza as concepções da escola, ainda muita inserida num contexto tradicional, arraigado numa cultura de que sua função é simplesmente transmitir conhecimentos. Então, como preparar gerações futuras?

Primeiramente se deve entender que se vive na “*sociedade da informação*” (PERRENOUD, 2002), caracterizada por transformações sociais, culturais e econômicas, que prioriza competências diferentes daquelas de outrora. Essa nova sociedade está constantemente sendo pensada, exigindo novos saberes.

Marchesi, pautado no pensamento de Castell (1997) e Hargreaves (2003), diz que “*na sociedade do século XXI, as ênfases estão na capacidade de ter acesso e de selecionar a informação, na flexibilidade, na inovação e na capacidade das pessoas e das instituições ampliarem seus conhecimentos*” (2008, p.8)

Também é importante, o reconhecimento de que em nenhuma outra sociedade os fins da educação estiveram tão claros (SUBIRATS, 2000), considerando que ela se transformou em um requisito indispensável para se viver nessa sociedade em que o conhecimento tem grande relevância.

Há uma preocupação latente com a educação e, conseqüentemente, com a aprendizagem em uma visão integrada, multidisciplinar e cooperativa no sentido de melhorar o que hoje, se apresenta no cenário educacional (ENGERS, 2007,p25).

Assim, não resta dúvida que os professores e a escola de hoje, precisam mudar a sua concepção, atendendo aos fins da educação, para formar um novo tipo de indivíduo, com novos conhecimentos e que se adapte a viver nessa incerteza.

Para atender a essa sociedade, conforme Alarcão (2003), se precisa entender a necessidade de uma mudança paradigmática da escola, que pressupõe mudar sua organização e a forma como ela é gerida, encarando de frente seus problemas como: “*um organismo que continuamente se pensa a si própria, na sua*

*missão social e na sua organização e confronte-se com o desenrolar da sua atividade em um processo heurístico simultaneamente avaliativo e formativo”(p.11).*

Ainda conforme a autora (p.12), a escola precisa realizar com êxito “a *interligação entre as três dimensões da realização humana: pessoal, profissional e social*”, mas para isso “*é preciso agir para transformá-la*” (p19), fazer o que Freire (1997, p.35) já dizia: “*passar da cultura da queixa para a cultura da transformação*”.

Mas quem vai transformá-la? A resposta a essa pergunta, conduz diretamente ao professor. Concordando com esse raciocínio, Nóvoa alerta que para se constituírem em transformadores da realidade escolar, os professores precisam, primeiramente, rever a sua docência:

(...) os valores que sustentaram a produção contemporânea da profissão docente caíram em desuso, fruto da evolução social e transformação dos sistemas educativos; os grandes ideais da era escolar necessitam ser reexaminados, pois já não servem de norte a ação pedagógica e a profissão docente (1995,p.28).

É evidente que para o professor é um grande desafio que começa pela concepção da necessidade de uma nova prática, que atenda aos anseios atuais. Prática essa que pode ser (re) construída por meio da formação continuada, apoiada na aceitação da importância da troca de experiências, também como formação:

(...) conceber a prática docente como um processo permanente de aprendizagem, experimentação, comunicação e reflexão compartilhada, não apenas permite enfrentar incertezas de nossa época com menor ansiedade como facilita a elaboração de projetos e iniciativas que provocam a satisfação de estudantes e docentes ao gozar da aventura do conhecimento, ao desfrutar da beleza da cultura e ao comprovar as possibilidades de auto-desenvolvimento criador (PEREZ GOMES, 2001, p 180)

A formação continuada é o caminho que poderá levar os professores a reafirmarem suas identidades profissionais, entendendo o contexto no qual estão inseridos e a partir daí, voltarem a acreditar na educação, como processo possível, pelo qual também são responsáveis.

Nessa perspectiva, espera-se que a formação modifique as concepções do professor, que conseqüentemente, atuará no sentido de transformar o meio em que está inserido – a escola - passando assim, a escola a constituir-se como transformadora da educação.

É vital que os professores comecem esse processo de modificação, resgatando o seu papel frente à sociedade, sendo atuantes. Imbernon reforça a idéia que *“nós educadores, temos um grande desafio no futuro. Não podemos ser apenas espectadores passivos desse futuro, mas reservar-nos um papel de sujeitos-atores”* (2000, p.93).

A palavra “comprometimento” se destaca entre tantas outras competências elencadas como necessárias ao exercício da docência nesse século, firmando o compromisso do professor em buscar as soluções necessárias que garantam uma prática de qualidade nessa sociedade de incertezas. Engers (2008,p.419) confirma esse pensamento, ressaltando que *“ o comprometimento do educador prende-se a sua capacidade de atualização, de resiliência e à situações novas de aprendizagens, inter-multi-transdisciplinares”*.

Esse é um processo doloroso, que apavora os professores, não só pelo tamanho de sua responsabilidade, mas principalmente pela urgência da mudança. Freire (2001) sempre disse que *“mudar é difícil, mas é possível”* (p.88). Disse ainda que mudar é o único caminho para resgatar a valorização e possibilidade real dos professores corresponderem às expectativas neles depositadas, mas também de se sentirem realizados. Outros autores têm corroborado com essa posição, entre os quais Marchesi, quando analisa a satisfação do professor frente à sua ação pedagógica:

Se a profissão tem um forte componente moral, se exige compromisso ativo e positivo com as novas gerações, se deve contribuir para a felicidade dos alunos, se deve manter o otimismo e a esperança nas novas gerações e na humanidade, não temos mais remédio que admitir que o agente dessa atividade, o professor, deve ser partícipe desse projeto e, conseqüentemente, deve viver e transmitir uma certa forma de felicidade em sua atividade docente. E ele só pode sentir-se feliz em seu trabalho, se gosta dele, se está satisfeito com ele, se encontra sentido na educação ... (2008, p.153)

Caminhando para a finalização deste trabalho, se reconhece a sabedoria do pensamento de Arroyo(2000) quando diz que não basta estabelecer o tipo ideal de profissional que se deseja, mas compreender e atentar para o profissional que existe. Mesmo assim, delinea-se a possibilidade de ser o professor reflexivo (DEWEY, SHÖN, PERRENOUD e tantos outros), o perfil possível de professor que poderá executar essa transformação, num movimento de reflexão *sobre e na* prática, considerando constantemente a avaliação e adaptação de sua ação pedagógica.

Perrenoud diz que *“idéias de um profissional reflexivo propõem a reabilitação da razão prática, a aprendizagem por meio da experiência, a utilização da intuição e da reflexão, na ação e sobre a ação”* (2002, no prelo). Um profissional que tenha comprometimento, mas também esperança e utopia com a educação.

Essa “fé na educação” não parece ser um sentimento comum no meio educacional! Nesse sentido Paulo Freire fala sobre utopia, esperança e a necessidade dos educadores acreditarem na educação:

(...) que poderá fazer a educação com vistas a esperança? qualquer que seja a dimensão pela qual apreciemos a autêntica prática educativa, seu processo implica esperança. Educadores desesperançosos contradizem sua prática. São homens e mulheres sem endereço e sem rumo. Perdidos na história. (2001,p.87)

E para finalizar, apoiado no pensamento de Vasconcellos (2003), o importante é que cada professor, independente de seu perfil, ideal ou não, comece imediatamente a sua mudança, acreditando que é possível transformar a escola, assumindo-se como sujeito histórico de transformação da realidade escolar, ciente da sua responsabilidade, sendo portador da esperança de um projeto de futuro, pois só assim poderá levantar, de cabeça erguida, a bandeira: “Sim, eu sou professor, e com muito orgulho” !

O mestre dos mestres dizia: *“ Vocês me chamam de mestre e de fato eu sou. Porque sei de onde vim e para onde vou, e sei o que devo fazer: eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”* ( Jó 13,13; 8-14).

Por último, considerando os resultados desse estudo entrelaçados, num tecido de muitos fios, com as teorias nele analisadas e as reflexões do pesquisador, deseja-se enfatizar a esperança de que esse novo século possa revelar um novo posicionamento dos professores e da escola de modo a se alcançar a educação de qualidade que se almeja.

## REFERÊNCIAS

**ABRAHÃO**, M. H. **Educação**. Porto Alegre- RS, ano XXX, n. Especiall, out 2007.

**ALARCÃO**. Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_ (org). **Escola Reflexiva e Nova racionalidade**. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

**ANTUNES**, Celso. **Resiliência: a construção de um novo paradigma para uma escola pública**. Petrópolis: Vozes, 2003.

**ARROYO**, Miguel . **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ:Vozes,2000.

**ASSMANN**, Hugo. **Reencantar a Educação: rumo a sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

**BAUMANN**, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. RJ: Zahar, 2001.

**BAZARRA**, Lourdes. **Ser Professor e Dirigir Professores em Tempos de Mudanças**. São Paulo: Paulinas, 2006.

**BERTRAND**,Yves e **VALOIS**, Paul. **Paradigmas Educacionais**. Portugal: Instituto Piaget, 1994.

**BURKE**, Thomas Josep. **O Professor Revolucionário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

**CANÁRIO**. Rui. **O Prazer de Aprender**. Revista Pátio: Artmed, nº 39, agosto-outubro/2006.

**CASTELLS**, M. **La era de la Información: economía, sociedad y cultura**. La sociedad red. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

**CONTRERAS**, José Domingo. **La Autonomia Del Profesorado**. Madrid: Marata,2002.

**DELORS**, Jaques. **Educação: um tesouro a descobrir** – 10 edição - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO,2006.

**DEMO**, Pedro. **O professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

**ENGERS**, M.E.A. **Educação Continuada: uma visão multidisciplinar em diferentes tempos e espaços**. XIV ENDIPE: Porto Alegre, 2008 (p.410-420).

\_\_\_\_\_. **A Epistemologia da Prática Reflexiva e a Pedagogia do Tato no Cotidiano Escolar: um estudo realizado nas classes iniciais de escolas públicas de Porto Alegre**. In: CASTRO, Marta Luz Sisson. Educação Comparada na Perspectiva da Globalização e Autonomia. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação no Terceiro Milênio**. In: EDUCAÇÃO. Porto Alegre-RS, ANO XIX, nº 30, 1996 (p.7-15).

\_\_\_\_\_. (org.) **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação: notas para a reflexão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Professor Alfabetizador Eficaz: análise de fatores influentes da eficácia do ensino**. Tese. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação. UFRGS, 1987.

**ENGERS**, M.E.A. e **MOROSINI**. M. C. **Pedagogia Universitária e Aprendizagem**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

\_\_\_\_\_. **Educação Superior e Aprendizagem: diferentes olhares na construção conceitual e prática** In: EDUCAÇÃO. Porto Alegre-RS, ANO XXIX, n.3 (60), p.537-549, Set/Dez.2006.

**ESTEVE**, José Manuel. **A 3ª Revolução Educativa: a educação na sociedade do conhecimento**. São Paulo: Moderna, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Mal-estar Docente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

\_\_\_\_\_. **Mudanças Sociais e Função Docente**. In: Antônio Nóvoa (org). **Profissão Professor**. Porto,Portugal: Porto Editora,1995.

**FERREIRA**, Giane. **O Bom Professor**. Revista Congrega URCAMP v.1 n1 (out/2005). Bagé: URCAMP,2007.

**FREIRE**, Paulo e **SHOR**,Ira. **Medo e Ousadia**. 9 ed.rJ:Paz e Terra, 2001.

**FREIRE**, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

**GADOTTI**. Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**.Porto Alegre: ArtMed, 2000.

**GIDDENS**, Anthony. **Modernidade e Identidade Pessoal**. Oeiras: Celta,2003.

**GRILLO, Marlene. O Professor e a Docência: o encontro com o aluno.** In ENRICONE, Délcia (Org) Ser Professor. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

**HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** RJ: DP&A, 2003.

**HABERMAS, Jürgen. Modernidade e Pós-Modernidade.** SP; Ed USP, Revista Estudos Avançados, 1990.

**IMBERNÓN, F. (org). A Educação no Século XXI: desafios do futuro imediato.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

**ISAÍÁ, Sivia Maria A. Aprendizagem Docente como Articuladora da Formação e do Desenvolvimento Profissional dos Professores da Educação Superior.** In: ENGERS E MOROSINI (org). Pedagogia Universitária e Aprendizagem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

**KETZER, Solange Medina. A Graduação e os Desafios da Formação do Educador do Século XXI.** In: EDUCAÇÃO. Porto Alegre-RS, ANO XXX, n.Especial, p.35-45, Out/2007.

**LIBÂNEO, J. Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências profissionais e profissão docente.** São Paulo: Cortez, 2003.

**LIPOVETSKY, Gilles. Os Tempos Hipermodernos.** Barcarolla, 2004.

**LUDKE, M. e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

**MARCHESI, Álvaro. O Bem-Estar dos Professores: competências, emoções e valores.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

**MORAES, Maria Cândida. O Paradigma Educacional Emergente.** São Paulo: Papyrus, 1997.

**MORIN, Edgar. Meus Demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_ **Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro.** São Paulo: Cortez, Brasília, Unesco, 2001.

**MOROSINI, Marília C. O Professor do Ensino Superior na Sociedade Contemporânea.** In: Enricone, Delcia. A Docência na Educação Superior: Sete Olhares. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

**MOSQUERA, Juan M. A Educação no Terceiro Milênio.** In: EDUCAÇÃO. Porto Alegre. ano XXVII especial, 2003 (p.43 – 58).

**NÓVOA, A. Professor se Forma na Escola.** Escola online. Entrevista a Paulo Rascão em 2001. Disponível em < <http://www.novaescola.abril.com.br> > acesso em 1º/03/08.

\_\_\_\_\_. **Os Professores na Virada do Milênio.** Educação e Pesquisa, São Paulo, n1, 1999.

\_\_\_\_\_. **Profissão Professor.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **Para o Estudo Sócio-Histórico da Gênese e Desenvolvimento da Profissão Docente.** Teoria e Educação, Porto Alegre, n.4, 1991.

**O'SULLIVAN, E. Aprendizagem Transformadora: uma visão educacional para o século XXI.** São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

**PÉREZ-GÓMEZ, A. A cultura escolar na sociedade neoliberal.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

**PERRENOUD, Philippe. A Prática Reflexiva no Ofício do Professor.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação.** Lisboa, Portugal: Porto Editora, 1993.

**PIMENTA, Selma G. Didática e Formação de Professores: PERCURSOS E PERSPECTIVAS NO Brasil e em Portugal.** São Paulo: Cortez, 1997.

**POZO, J. I. Aprendizes e Mestre: a nova cultura da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2002

**RODRIGUES, Neidson. Elogio à Educação.** São Paulo: Cortez, 1999.

**ROLDÃO, Maria do Céu. A Mudança Anunciada da Escola ou um Paradigma da Escola em Ruptura?** In: Isabel Alarcão. **Escola Reflexiva e Nova racionalidade.** Porto Alegre: ArtMed, 2001.

**SACRISTAN, J Gimeno. Consciência e Ação sobre a Prática como Libertação Profissional dos Professores.** In: Antônio Nóvoa (org). **Profissão Professor.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Educação que Temos e a Educação que Queremos.** In: **IMBERNÓN, F. (org). A Educação no Século XXI: desafios do futuro imediato.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

**SANCHES, Cláudio Castro. Desconstruir Construindo um Caminho para a Nova Escola.** Petropolis, RJ: Vozes, 2005.

**SHÖN, Donald A. Educando o Profissional Reflexivo, um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Artmed: Porto Alegre, 2000.

**SUBIRATS, M. A Educação do Século XXI: a urgência de uma educação moral.** In: **IMBERNÓN, F. (org). A Educação no Século XXI: desafios do futuro imediato.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

**TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

**TAVARES, José (org). Resiliência e Educação.** São Paulo: Cortez, 2002.

**YUS, Rafael. Educação Integral: uma educação holística para o século XXL.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

**VASCONCELLOS, Celso dos S. Para Onde Vai o Professor? Regate do Professor como Sujeito de Transformação.** São Paulo: Libertad, 2003.

## OBRAS CONSULTADAS

**ANTUNES, Celso. Professores e Professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas.** Petreópolis, RJ: Vozes, 2008.

**DENVAL, Juan. Crescer e Pensar: a construção do conhecimento na escola.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

\_\_\_\_\_. **Aprender na Vida e Aprender na Escola.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

**ENGERS, M.E.A. Formação de Professores, Alfabetização e Sucesso Escolar.** In: BROILLO, C.L e CUNHA, M.I da. (orgs). **Pedagogia Universitária e Produção de Conhecimento.** Porto Alegre: Edipucrs, 2008. (p.427-434)

\_\_\_\_\_. **Aprendizagem: Representações e Vivências de Professores.** In: MOREIRA, J.C, E.M.B e COSTA, F. T.L (Org) **Pedagogia Universitária: campo de conhecimento em construção.** Cruz Alta: UNICRUZ/RIES, p.203-234, 2005.

**ENGERS, Maria Emília e PORTAL, Leda Lísia. Educação de Professores: um olhar sobre os tempos e os espaços nas atividades dos professores.** Revista Educação. Porto Alegre: Edipucrs, 2008 (p.245-249).

**ENRICONE, Délcia (org). Ser Professor.** Porto Alegre, EDIPUCRS, 2006.

**FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação.** Porto Alegre: s.n, 2007.

**HENGEMÜHLER, Adelar. Formação de Professores: da função de ensinar ao resgate da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

**LIMA, Márcia Regina Canhoto de. Paulo Freire e a Administração Escolar: a busca de um sentido.** Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

**MARCHESI. A. Formando Professores Profissionais.** Porto Alegre, Artmed, 2001.

**MORIN, E. A Duas Globalizações: complexidade e comunicação.** Porto Alegre, Edipucrs, 2001.

\_\_\_\_\_. **La Mente Bien Ordenada: repensar la reforma, reformar el pensamiento.** Barcelona: Seix Barral, 2000.

**POZZO, J** **Aquisição do Conhecimento: quando a carne se faz verbo.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

**SÁ-CHAVES, Idália.** **Formação, Conhecimento e Supervisão.**Aveiro, Portugal: Univerdade de Aveiro,2000.

**SACRISTAN, J.Gimeno.** **O Currículo: uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: Artmed,2000.

**SILVA, José Maria da.** **Apresentação de Trabalho Acadêmicos: normas e técnicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

**SILVA, Tadeu da Silva (org).** **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes,2000.

**VYGOTSKY, L.S.** **A Formação Social da Mente: desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

## **APÊNDICES**

**A – Exemplo da transcrição de duas entrevista**

**B - Modelo da tabela usada para análise das entrevistas**

**C - Tabela final reduzida**

**A**

## PROFESSOR 7

**Entrevista:**

a) Como você caracteriza a sociedade atual?

Época de profundas e aceleradas transformações, tornando-se necessário e urgente, repensar novos caminhos na construção de uma sociedade democrática e participativa que exige cidadãos competentes e capazes de enfrentar os desafios da vida na busca do conhecimento, da importância dos valores éticos e morais e nos princípios da liberdade, igualdade e solidariedade.

b) No seu entendimento, qual a função da escola?

Poderia passar horas falando sobre isso, mas sintetizo dizendo que é educar os alunos para a vida.

c) Qual sua função como professor?

No contexto educacional, o professor tem a função de buscar a construção do conhecimento que reger participação e o aprender a aprender. Portanto, o professor catalisa o saber para auxiliar o educando a tornar-se um sujeito consciente, crítico e transformador.

d) Você se considera responsável pela transformação da escola? Justifique:

Sim, todos estamos envolvidos na construção de uma nova escola de qualidade e autonomia, que permite o ingresso e permanência de todas, participativa, cidadã, com vivência democrática, responsável um objetivo de transformação da realidade de na busca da escola sonhada por todas.

e) Para você, que competências devem ter um professor, para que possa exercer com eficiência sua função, nos dias atuais?

- Capacidade de refletir sobre sua prática pedagógica (inovar com o objetivo de aperfeiçoar e desenvolver com qualidade a prática do ensino);
- Trabalhar em equipe (elaboração de projeto educacional em conjunto);
- Estar aberto as mudanças;
- Formação continuada (atualização constante), etc.

f) Quem é (ou são), na sua percepção, o maior responsável pela crescente desvalorização da escola? Por quê?

Os maiores responsáveis são: os professores, os baixos salários, número excessivo de alunos, desinteresse dos alunos, problemas de disciplinas, queda do status social, formação de professores que não preparam para os problemas de sala de aula, etc... A tendência é ter o professor como grande responsável pelos males da educação, que colaboram para a desvalorização social da escola e também a desvalorização do trabalho do professor. Precisam refletir nossas práticas com possibilidade de ressignificação e melhorias da escola (valorização).

## PROFESSOR 11

**Entrevista:**

a) Como você caracteriza a sociedade atual?

A sociedade se encontra desajustada, em constante mudanças.

b) No seu entendimento, qual a função da escola?

Ensinar. A escola tem a função de trabalhar conteúdos e não pode fugir disso.

c) Qual sua função como professor?

Dizer quais são minhas responsabilidades é fácil: ter um conhecimento geral, ser organizado, planejar minhas atividades, conhecer meus alunos,... porém definir a minha função como professor é difícil, mas no contexto atual acho que é ser orientador.

d) Você se considera responsável pela transformação da escola? Justifique:

Quem está se transformando é o aluno, talvez por um contexto todo da sociedade.

e) Para você, que competências devem ter um professor, para que possa exercer com eficiência sua função, nos dias atuais?

Uma preparação constante, pois nos dias de hoje, o professor tem que estar muito atualizado (em constante estudo, cursos);

f) Quem é (ou são), na sua percepção, o maior responsável pela crescente desvalorização da escola? Por quê?

A própria sociedade, a não ajuda das pais, querendo cada vez mais facilidade para o filho e a escola por muitas vezes fechar os olhos, fazer de conta que os problemas não aconteceram ou minimizá-los.



## C

	PROF 1	PROF 2	PROF 3
a) Como você caracteriza a sociedade atual?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- constante evolução</li> <li>- mudança</li> <li>- globalização</li> <li>- professores inseguros</li> <li>- a que aprendeu ontem já tem o mesmo significado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- centrada em valores materiais</li> <li>- consumista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- sociedade consumista</li> <li>- o ser humano é visto pelo ter e não pelo ser</li> <li>- materialismo</li> </ul>
b) No seu entendimento, qual a função da escola?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- precisa atender as mudanças</li> <li>- preparar o cidadão para a vida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- formar cidadãos que atuem dignamente na sociedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ambiente de vivências</li> <li>- troca de experiências</li> </ul>
c) Qual sua função como professor?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- momento difícil: deixa de ser quem sabe para ser quem ensina</li> <li>- mediação entre o conhecimento que o aluno precisa ter e suas vivências</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- colocar em prática os objetivos da escola</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- intermediação</li> <li>- ponte entre família, escola e sociedade</li> </ul>
d) Você se considera responsável pela transformação da escola? Justifique	<ul style="list-style-type: none"> <li>- sim</li> <li>- atitude difícil</li> <li>- buscar inovar, refletir práticas e ouvir anseios dos alunos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- muito responsável pois é parte de uma equipe</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- sendo sempre um aprendiz e sempre tentando</li> </ul>
e) Na sua percepção, que competências são importantes para um professor para que possa exercer com eficiência sua função, nos dias atuais?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- antes para ser professor era preciso conhecer e transmitir</li> <li>- ser crítico, pesquisador, capaz de reconhecer erros, mediador</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- comprometimento com a função</li> <li>- amor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- responsabilidade perante metas e objetivos traçados</li> <li>- consciente do papel de formador de opiniões</li> </ul>
f) Quem são, na sua percepção, os maiores responsáveis pela crescente desvalorização da escola?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- governo</li> <li>- comunidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- políticas públicas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- os órgãos responsáveis pela educação</li> <li>- os professores fazem o que eles querem</li> </ul>
Minhas anotações	<p>Tem uma posição dúbia: acredita-se como responsável pela escola, mas culpa o governo e a sociedade.</p> <p>de pelo fracasso</p>		<p>Há um conformismo com o materialismo. Uma submissão</p>

	PROF 5	PROF 6	PROF 7
- em constante mutação - muitas informações q desorientam as pessoas	- consumista - muito moderno - valorização do ter	- sociedade sem ritmo, - banalização da informação - avanço tecnológico dif. fácil de ser acompanhado - perda de valores	- profundas transformações - necessidade de uma sociedade democrática, e participativa - importância de valores éticos e morais
- socializar o conhecimento - humanizar - pessoas são aprendizes	- preparar um homem mais humano e crítico - aja com a razão e com o coração	- saberes que proporcionem ao indivíduo desenvolver suas habilidades - formar cidadãos com responsabilidade pessoal, social, ética e ambiental	- educar os alunos para a vida;
- humanizar, etc., confiar no ser humano; - aumentar potencial de inteligência - sensibilidade, sociabilidade, ternura,	- resgatar valores - ser exemplo	- mediador entre o aluno e o conhecimento - promover uma mudança de paradigma - formar profissionais	- buscar a construção do conhecimento - catalisar o saber.
- Sim - consciência da necessidade de uma escola estruturada e organizada - desejo de crescer	- comprometimento - atitude com atividades da escola,	- sim - reinventar as práticas diárias - agente de transformações	- sim - envolvimento na construção do conhecimento e de uma nova escola.
- humanizar - criadores de humanidade - interesse em aprender e não somente em ensinar	- sensibilidade - diálogo - troca de saberes - envolvimento - conhecimento q precisa ser partilhado	- traduzir obj. em experiências; - flexibilizar o trabalho - comprometer-se com a dialética.	- capacidade de refletir sobre o prática - trabalhar em equipe - abertura, o mudançpt - formação continuada.
- políticas públicas - desmotivação natural do professores	- falta de investimento na educação - desmotivação do professor - falta de qualidade na prática do professor	- próprio professor - desmotivação e descomprometimento - políticas educacionais	- os professores: precisam refletir as práticas em possibilidades de resignificação e melhoria da escola (valorização)
Consciência do papel humanizador da escola,	A necessidade do comprometimento do professor com a qualidade	Tem uma visão geral da sociedade e como a escola/professor podem modificá-la	- Educar p a vida - Formação continuada - desmotivação dos professores

	PROF 9	PROF 10	PROF 11
- sociedade imediatista	- sociedade desestruturada	- constante mutação - valores mudam vertiginosamente - não se consegue acompanhar	- sociedade desigualdade - em mudança
- orientar - mostrar o valor da educação, do conhecimento, do respeito - conviver em sociedade	- preparar para a vida	- preparar para a vida - formar pessoas capazes de sobreviverem numa sociedade em transição	- ensinar - centrada em conteúdos
- mediadora - ser exemplo - mostrar a importância do estudo	- igual a da escola: incentivar a pensar	- entender o processo de transformação e adequar as práticas a ele.	- ter um conhecimento geral - ser orientador
- Sim - A escola é um todo: tudo deve funcionar	- Não é responsável - transmitir valores	Sim. - o professor tem o poder de mudar a escola - na sala é o professor e o aluno	Não. O aluno é que está se transformando.
- responsabilidade - respeito - conhecimento dos conteúdos - vontade de relacionar-se	- conhecimento - paciência - boa vontade	- capacidade de aprender a aprender - entender-se como aprendiz	- preparação constante
Todos	- governo - alunos - professores	Todos. Maior responsável é o professor	Sociedade
	Características de um professor tradicional. Revolta com o contexto atual.	Entende o professor como responsável pelas mudanças.	Professor transmissor!

	PROF 13	PROF 14	PROF 15
- mudanças constantes - transformação	- caos - poder econômico concentrado - desemprego	- sociedade competitiva	- consumista - materialista
- educar - orientar o aluno a ser crítico e saber conviver	- auxiliar na formação integral do cidadão	- formadora de opinião - desenvolver valores e competência	- transformar a sociedade através da educação
- função importante: orientador de conhecimento - estimular o aluno a aprender	- aprender a cada dia	- Educar - construção do conhecimento - incentivar o aprender a pensar para aprender a fazer	- desenvolver conteúdos propostos - mudanças de comportamento através da formação de caráter
Sim - tentando mostrar a realidade e o futuro aos alunos	- Todos são	Sim - buscando parcerias - soluções adequadas	Em parte. - participando da transformação do contexto
- preparação acadêmica - gostar do q faz - procurar atualizar-se	- vocação	- saber de bem consigo mesmo e com a profissão - ético, responsabilidade, comprometimento	- formação intelectual
- governo - falta de condições aos professores	- sistema - falta de autonomia	- governo e sociedade - sociedade consumista	Poder
		O governo é q deve dar condições para q a educação aconteça.	Professor transformar!

→ Características da sociedade pós-moderna: materialista, consumista, em constante transformação, falta de valores, ...

→ Preparar a vida  
 - resgatar valores  
 - humanizar  
 - formar caráter  
 (viver na sociedade acima)

→ Há uma indefinição: alguns com definições da escola tradicional, outros com concepções mais modernas

A maioria se considera responsável pela transformação da escola, embora o discurso não seja coerente

Aparecem as competências de um professor reflexivo: (saber ouvir, refletir, aprender sempre, ...)

Enfoque para o aprender, atualizar-se!

Culpam governo e sociedade!  
 Porca falta de identidade do professor!  
 descomprometimento e desmotivação!